

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE CONSERVAÇÃO-RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS MÓVEIS

Bárbara Sanches Aguiar

**Elementos para a elaboração de um protocolo de pequenos reparos em
acervos bibliográficos de uso corrente em bibliotecas universitárias: o caso da
Biblioteca Central da UFMG**

Belo Horizonte
2025

Bárbara Sanches Aguiar

**Elementos para a elaboração de um protocolo de pequenos reparos em
acervos bibliográficos de uso corrente em bibliotecas universitárias: o caso da
Biblioteca Central da UFMG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do título de bacharel em Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis, do Curso de Conservação-Restauração de Bens Culturais Móveis da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dra. Ana Utsch

Coorientador: Dra. Diná Marques Pereira Araujo

Belo Horizonte

2025

Ficha de identificação da obra

A ficha de identificação é elaborada pela Biblioteca.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

**COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO
DE BENS CULTURAIS MÓVEIS**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**"Elementos para a elaboração de um protocolo de pequenos reparos em acervos
bibliográficos de uso corrente em bibliotecas universitárias: o caso da Biblioteca Central
da UFMG"**

BÁRBARA SANCHES AGUIAR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Graduação em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, aprovado em 12/12/2025 pela banca constituída pelos membros:

Profa. **ANA UTSCH**
Orientadora

Profa. **DINÁ MARQUES PEREIRA ARAÚJO**
Coorientadora

Prof. **WELLINGTON MARÇAL DE CARVALHO**
Examinador

Profa. **CAMILLA HENRIQUES MAIA DE CAMARGOS**
Examinadora

Belo Horizonte, 12 de dezembro de 2025.



Magistério Superior, em 16/12/2025, às 08:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Wellington Marçal de Carvalho, Vice diretor(a)**, em 18/12/2025, às 13:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camilla Henriques Maia de Camargos, Professora do Magistério Superior**, em 30/12/2025, às 09:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Dina Marques Pereira, Coordenador(a) de coordenadoria**, em 06/01/2026, às 09:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4732117** e o código CRC **B5C2FE24**.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me dar forças e me guiar até aqui;

Aos meus pais, Célia e Paulo, por todo amor, carinho, dedicação e incentivo. Obrigada por serem vocês os meus pais;

Ao Pedro, por todo companheirismo, incentivo e por sempre apoiar e acreditar nas minhas ideias malucas;

À minha orientadora, professora Dra. Ana Utsch, por toda orientação, atenção e confiança depositada em mim. Por ser essa pesquisadora e professora incrível, com quem pude aprender tanto;

À minha coorientadora, Dra. Diná Araujo, pela disponibilidade, pelas contribuições, pela abertura e confiança, que foram fundamentais para que esse trabalho pudesse acontecer;

À Biblioteca Universitária da UFMG e Oficina de Preservação, em especial a Adriana Piquerotti, pela abertura do espaço, pela colaboração com conversas, demonstrações e partilha de experiências. Deixo meu sincero reconhecimento, pois este trabalho só foi possível graças à disponibilidade e à parceria de todos vocês;

À professora Dra. Camilla Camargos, que foi minha primeira orientadora no curso, quem primeiro me apresentou ao LaGrafi e abriu as portas para esse mundo maravilhoso do papel. Essa oportunidade ampliou meu contato com a pesquisa, permitiu conhecer mais de perto o trabalho das professoras e foi muito importante para a construção do meu percurso acadêmico. Serei sempre grata pela confiança, pelo carinho e por tudo o que pude aprender ao seu lado;

À professora Dra. Marcia Almada, por toda orientação, confiança e pela disponibilidade constante ao longo desse percurso;

Aos professores Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, pelas aulas que fundamentaram minha trajetória ao longo da graduação;

Aos meus amigos maravilhosos, que me ajudaram a tomar a decisão de iniciar essa graduação e me incentivaram durante todo o caminho até aqui. Agradeço por todas

as risadas compartilhadas, aos ouvidos sempre abertos para me escutar e aos conselhos tão bons, mesmo vindos dos trouxas que vocês são;

Aos colegas de curso, pela convivência, pelo apoio mútuo e pelas trocas que tornaram esse percurso mais leve e mais divertido.

Antes dos cuidadores, havia as abelhas e as histórias, zunindo
e zumbindo.

(...) Aqueles que se tornam cuidadores não se tornam
cuidadores porque são organizados, têm uma mente mecânica
ou são devotados, nem por serem julgados mais merecedores
que outros. A devoção é para acólitos. O merecimento é para
guardiões.

Cuidadores devem ter ânimo e mantê-lo elevado.

Tornam-se cuidadores, pois entendem por que estamos aqui.

Por que isso importa.

Pois entendem as histórias.

Sentem o zunido das abelhas nas veias.

(Morgenstern, *“O mar sem estrelas”*, 2021)

RESUMO

A conservação de livros em bibliotecas universitárias enfrenta desafios críticos relacionados não apenas à escassez de profissionais especializados, mas também ao desgaste acelerado provocado pelo manuseio incorreto dos usuários. Na Biblioteca Central da UFMG, os reparos em livros de alta circulação são realizados por estagiários e servidores administrativos, muitas vezes, sem formação na área de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, o que compromete a eficiência e durabilidade das intervenções. O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo reunir e sistematizar elementos para a elaboração de um protocolo de pequenos reparos aplicado a acervos bibliográficos de uso corrente em bibliotecas universitárias, tomando a Biblioteca Central como estudo de caso. Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre acervo corrente e pequenos reparos, e uma análise crítica das políticas institucionais e manuais técnicos nacionais e internacionais disponíveis. Paralelamente, acompanhou-se a rotina da Oficina de Preservação, identificação de danos recorrentes e experimentação de materiais, ferramentas e procedimentos. A partir desses dados, foram produzidos glossário de termos, tipologia de danos, lista de materiais e adesivos utilizados e sequência de tratamentos básicos aplicáveis ao acervo corrente, avaliando sua viabilidade em contexto de alta demanda e recursos limitados. Como resultado, propõe-se um conjunto de referências que pode subsidiar a construção futura de protocolos institucionais de pequenos reparos e o aperfeiçoamento das políticas de preservação da BU e da BC/UFMG, contribuindo para padronizar as práticas, aplicando os conceitos de Conservação e Restauração de acervo bibliográficos.

Palavras-chave: Acervo corrente, bibliotecas universitárias, pequenos reparos.

ABSTRACT

Book conservation in university libraries faces critical challenges related not only to the shortage of specialized professionals but also to the accelerated wear caused by improper handling by users. At the UFMG Central Library, repairs on high-circulation books are performed by interns and administrative staff, often without specific training in conservation and restoration, which compromises the durability of the interventions. This undergraduate thesis aims to gather and systematize elements for the elaboration of a minor repair protocol applied to circulating bibliographic collections in university libraries, using the Central Library (BC) as a case study. Initially, a literature review was conducted regarding circulating collections and minor repairs, alongside a critical analysis of available national and international institutional policies and technical manuals. Concurrently, the routine of the Preservation Workshop was monitored to identify recurrent damage and test materials, tools, and procedures. Based on this data, a glossary of terms, a typology of damage, a list of materials and adhesives used, and a sequence of basic treatments applicable to the circulating collection were produced, assessing their feasibility in a context of high demand and limited resources. As a result, a set of references is proposed to support the future development of institutional protocols for minor repairs and the improvement of preservation policies at the University Library (BU) and the BC/UFMG, contributing to the standardization of practices by applying concepts of bibliographic conservation and restoration.

Keywords: Book repair, university libraries, general collection.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Construção do prédio da Biblioteca Central	20
Figura 2 – Entrada da Oficina de Preservação	22
Figuras 3 e 4 – Oficina de Preservação	23
Figuras 5 e 6 – Armazenagem de materiais e <i>hot stamping</i>	23
Figuras 7 e 8 – Salas de acondicionamento do acervo histórico	24
Figura 9 – Sala para refeições	24
Figura 10 e 11 – Manuais institucionais	36
Figura 12 – <i>A Simple Book Repair Manual</i>	38
Figura 13 - <i>A Simple Book Repair Manual, da Dartmouth College Library</i>	39
Figura 14 - <i>Conservation Book Repair: A Training Manual</i> , de Artemis BonaDea	41
Figura 15 - <i>Library and Archives Preservation, Iowa State University Library</i>	44
Figura 16 – Site sobre pequenos reparos da <i>State Library of Pennsylvania</i>	46
Figuras 17 e 18 – <i>How-To-Do-it Manual</i> , edições de 1992 e 2001	48
Figura 19 – Manual de pequenos reparos em livros, Robert J. Milevsky	50
Figura 20 - Manual técnico disponibilizado pelo Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional	53
Figura 21 – Manual de pequenos reparos do Governo do Estado de São Paulo	55
Figura 22 – Partes do livro	65
Figura 23 - Tyvek	66
Figura 24 – Papel Polén	66
Figura 25 - Papel Filifold	67
Figura 26 – Papel japonês	67
Figura 27 – Acetato	68
Figura 28 – Tecido de algodão (morin)	68
Figura 29 – Ferramentas	69
Figura 30 – Régua de aço	70
Figura 31 – Base de corte tamanho A1	70
Figuras 32 e 33 - Amido Solúvel e amido puro	71
Figura 34 – CMC	72
Figuras 35 e 36 – Cola PVA comercial e neutra	72

Figura 37 – Metilcelulose	73
Figura 38 – Tylose.....	73
Figura 39 – Rasgo.....	74
Figura 40 – Perda de suporte	75
Figura 41 – Capa solta.....	76
Figura 42 – Caderno solto.....	77
Figura 43 – Charneira rompida.....	78
Figura 44 – Perda da lombada.....	78
Figura 45 – Dobras.....	79
Figura 46 – Livro com capa solta.....	80
Figuras 47, 48 e 49 – Limpeza do dorso	81
Figura 50 – Aplicação de cola PVA	81
Figura 51 – Aplicação de cola.....	82
Figura 52 – Tira de Tyvek aplicado ao miolo e folha de guarda.....	82
Figuras 53 e 54 – Aplicação de morim e papel polén	83
Figura 55 – Marcações para confecção do bolso	84
Figura 56 – Marcação dos locais de corte.....	84
Figuras 57 e 58 – Marcação dos locais de dobra	85
Figuras 59 e 60 – Corte nos locais indicados.....	85
Figuras 61 e 62 – Tiras do Tyvek passando pelo local do corte	86
Figura 63 – Bolso confeccionado sem adesivo.....	86
Figuras 64 e 65 – Colagem do bolso.....	87
Figuras 66 e 67 – Reforço na lombada	88
Figura 68 – Colagem do bolso a capa.....	88
Figura 69 – Aplicação de cola PVA na folha de guarda.....	89
Figura 70 – Folhas de guarda coladas a pasta	89
Figura 71 – Livros na prensa para secagem.....	90
Figura 72 – Abertura 180° do livro com o bolso	90
Figura 73 – Aplicação de adesivo de amido no papel japonês	91
Figuras 74 e 75 – Aplicação da tira de papel japonês sobre a charneira fragilizada.....	92
Figura 76 – Aplicação de adesivo na área delaminada	93
Figura 77 – Aplicação de adesivo sobre papel japonês.....	94
Figura 78 – Colagem de papel japonês sobre o rasgo	94

Figura 79 – Papel japonês aplicado sobre o rasgo	95
Figura 80 – Remoção da costura e limpeza do dorso	96
Figuras 81, 82 e 83 – Processo de costura copta.....	97
Figura 84 – Costura copta finalizada	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BC	– Biblioteca Central
BPEMG	– Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais
BU	– Biblioteca Universitária
CENEX	– Centro de Extensão
CMC	– Carboximetilcelulose
CPBA	– Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos
FAMP	– Faculdade Morgana Potrich
FIOCRU	– Fundação Oswaldo Cruz
ICB	– Instituto de Ciências Biológicas
ICEx	– Instituto de Ciências Exatas
IFLA	– International Federation of Library Associations and Institutions
IPHAN	– Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
PVA	– Acetato de polivinila
SB/UFMG	– Sistema de Bibliotecas da UFMG
SPHAN	– Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	– Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFU	– Universidade Federal de Uberlândia
USP	– Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
I. O CASO DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFMG	19
1.1. A Biblioteca Central da UFMG: uma breve caracterização.....	19
1.2. Oficina de Preservação do Acervo	21
II. DEFINIÇÕES IMPORTANTES	26
2.1 Acervo Corrente.....	26
2.2. Pequenos Reparos.....	29
2.3. A Conservação como Compromisso Institucional e Ético.....	31
III. MANUAIS DE PEQUENOS REPAROS	35
3.1. Levantamento Internacional.....	37
3.1.1 <i>A Simple Book Repair Manual, da Dartmouth College Library</i>	37
3.1.2 <i>A Simple Book Repair Manual, da Dartmouth College Library</i>	39
3.1.3 <i>Conservation Book Repair: A Training Manual, de Artemis BonaDe</i>	41
3.1.4 <i>Library and Archives Preservation, Iowa State University Library</i>	44
3.1.5 <i>Book Repair at the State Library</i>	45
3.1.6 <i>Book Repair: How-To-Do-it Manual</i>	47
3.2. Levantamento Nacional (BRASILEIROS E TRADUÇÕES).....	49
3.2.1 <i>Manual de pequenos reparos em livros, Robert J. Molevsky</i>	49
3.2.2 <i>Manual da Biblioteca Nacional</i>	52
3.2.3 <i>Notas de Biblioteca: Pequenos Reparos em material bibliográfico, Governo de São Paulo</i>	54
3.4 Política de Desenvolvimento do Acervo Bibliográfico do Sistema De Bibliotecas da UFMG.....	57
IV. Elementos para a elaboração de um protocolo de pequenos reparos para acervos bibliográficos correntes: o caso da Biblioteca Central	61

4.1. Bases e condições de elaboração do levantamento técnico	61
4.2 Testes realizados na BC	63
4.3.1 Partes do livro	65
4.4 Materiais.....	65
4.4.1 Tyvek.....	65
4.4.2 Papel polén	66
4.4.3 Papel Filifold.....	66
4.4.4 Papel japonês	67
4.4.5 Acetato	68
4.4.6 Tecido de algodão	68
4.5 Ferramentas.....	69
4.6 Adesivos.....	71
4.6.1 Amido	71
4.6.2 Carboximetilcelulose (CMC).....	71
4.6.3 Acetato de polivinila (PVA)	72
4.6.4 Metilcelulose	73
4.6.5 Tylose (hidroxietilcelulose)	73
4.7 Tipologia de danos dos acervos da Biblioteca Central da UFMG	74
4.7.1 Rasgos	74
4.7.2 Perda de suporte	74
4.7.3 Capa solta	75
4.7.4 Cadernos ou folhas soltas	76
4.7.5 Charneira rompida	77
4.7.6 Perda da lombada.....	78
4.7.7 Dobras.....	79
4.7.8 Costura rompida	79

4.8 Tipologia de tratamentos	80
4.8.1 Consolidação das pastas ao corpo do livro (encadernação)	80
4.8.2 Consolidação de charneira fragilizada	91
4.8.3 Remendos	92
4.8.4 Consolidação de costura rompida	95
V. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	100
Anexo	110

INTRODUÇÃO

Toda biblioteca carrega consigo ecos de Alexandria. Antes de falar das bibliotecas universitárias contemporâneas, uma breve digressão histórica que ajuda a dimensionar a longa trajetória de instituições dedicadas à preservação, organização e transmissão do conhecimento. Aristóteles teria sido o primeiro a fazer uma coleção de livros e sugerido a Alexandre, o Grande, a ideia de um museu, que serviu de base para o modelo de biblioteca ocidental usado ainda hoje. O objetivo da Biblioteca de Alexandria era reunir toda a cultura antiga. Estima-se que Ptolomeu II teria reunido setecentos mil *volumina* (rolos de pergaminho e papiro) até o fim de sua dinastia. E para cumprir esse objetivo, a Biblioteca de Alexandria possuía ateliês de cópias, edição e tradução de texto (Barbier, 2018). A Biblioteca de Alexandria desempenhou um papel fundamental na tradição intelectual ocidental, ela funcionava como um centro de pesquisa, que atraía estudiosos de todo o mundo helenístico.

Entretanto, a ideia de um acervo bibliográfico formado para o estudo e o ensino é tão antiga quanto as próprias universidades. A formalização do termo "Biblioteca Universitária", enquanto uma entidade institucional com um conjunto específico de funções, é resultado de processos que alteraram e adaptaram sua missão e características ao longo dos séculos.

A história das bibliotecas universitárias no Brasil é recente, devido à tardia criação das universidades no país. A primeira legislação específica surgiu em 1901, com o Código dos Institutos Oficiais do Ensino Superior e Secundário. Neste século, a biblioteca universitária brasileira intensificou sua função de gestora alinhada com as políticas de desenvolvimento nacional e criação de leis e normativa, como o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) indica a necessidade das Instituições de Ensino Superior (IES) organizarem suas bibliotecas para servir diretamente à comunidade acadêmica (Nunes, 2016).

Assim como no cenário mundial, as bibliotecas universitárias no Brasil incorporam intensamente as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), com informatização, recursos eletrônicos e o conceito de *Information Commons* (espaços físicos e virtuais de acesso e uso de recursos). Em contraposição, as políticas de preservação de seus acervos físicos ainda demandam aperfeiçoamento e estudos.

As bibliotecas de universidades desempenham um papel de democratizar o acesso ao conhecimento. Seu propósito é garantir que estudantes tenham acesso gratuito à livros, periódicos e base de dados. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) possui 26 bibliotecas, com um acervo bibliográfico de mais de um milhão de exemplares, dentre eles, livros, teses, dissertações, periódicos e materiais especiais. E estima-se que são realizados 178 mil empréstimos anualmente (UFMG, 2024). Visando à preservação e ao uso continuado do acervo, a Biblioteca Central possui uma Oficina de Preservação do Acervo, que conta, atualmente, com um auxiliar administrativo e dois estagiários. Essa equipe é responsável pela realização de pequenos reparos. No entanto, a ausência de capacitação técnica específica tem levado à adoção de materiais e procedimentos nem sempre adequados às boas práticas de preservação, o que acaba exigindo intervenções recorrentes nos mesmos exemplares.

A Biblioteca Central e as demais 25 bibliotecas do sistema universitário não dispõem de profissionais conservadores-restauradores para seus acervos. O mapeamento dos recursos humanos do Sistema de Bibliotecas (UFMG, 2024) evidencia que o quadro funcional é composto majoritariamente por 145 bibliotecários e 60 colaboradores terceirizados, sem a previsão da carreira de restaurador na estrutura oficial. Esse cenário é corroborado pelo estudo de dimensionamento de pessoal de 2025 (araújo; Carvalho; Gonçalves, 2025), que demonstra que a atividade de preservação do acervo não é tratada como função de uma carreira específica, mas sim como uma das 12 variáveis genéricas utilizadas para calcular a demanda por servidores administrativos.

A inexistência do conservador-restaurador nas instituições públicas de ensino superior no Brasil e a impossibilidade de contratação a partir de concursos públicos é um fato que impacta diretamente na preservação de acervos nas bibliotecas universitárias. A manutenção de restauradores em todas as unidades representa um custo elevado. Além disso, a autonomia administrativa de cada biblioteca resulta em diferentes abordagens de manejo e conservação, o que evidencia a necessidade de maior padronização de procedimentos e diretrizes técnicas.

Nos acervos de alta circulação, os pequenos reparos correspondem a intervenções pontuais, de baixo risco e caráter corretivo, destinadas a manter a usabilidade e a estabilidade física imediata dos exemplares.

Levando em conta a realidade da estrutura técnico-administrativa das bibliotecas, trata-se, na maioria das vezes, de procedimentos realizados pelas próprias equipes das unidades ou por auxiliares de preservação, desde que observadas as recomendações consolidadas em um quadro técnico mais amplo, que envolva profissionais da área de conservação e representantes das bibliotecas. Essas ações têm como objetivo prolongar a vida útil dos livros em uso cotidiano, evitando a perda de exemplares e reduzindo o descarte. Entre as atividades mais comuns, incluem-se:

- limpeza superficial de capas, cortes e fólios;
- reforço de lombadas e charneiras;
- fixação de pastas, capas e folhas soltas;
- reforço de encadernações ou brochuras danificadas;
- confecção de acondicionamentos simples (envelopes, pastas, caixas de guarda);
- pequenos reparos em etiquetas, fitas e elementos de identificação.

As intervenções, inseridas na lógica dos acervos correntes — e não das coleções patrimoniais —, integram as estratégias de preservação voltadas à manutenção do uso cotidiano e à ampliação da vida útil dos exemplares. Nesse contexto, prioriza-se a adoção de procedimentos simples e corretivos, realizados de forma descentralizada pelas equipes das bibliotecas, mas orientados por diretrizes técnicas compartilhadas com profissionais da área de conservação.

No contexto institucional, a implementação de rotinas padronizadas de pequenos reparos constitui uma estratégia de preservação aplicada aos acervos correntes, permitindo que o cuidado cotidiano com os livros seja incorporado à rotina das bibliotecas. Essa abordagem equilibra a autonomia de cada unidade com diretrizes técnicas mínimas, garantindo que as ações de manutenção não comprometam a durabilidade dos materiais nem dificultem intervenções futuras de conservação-restauração.

O objetivo deste trabalho é elaborar elementos para um protocolo de pequenos reparos aplicável a acervos bibliográficos de uso corrente no âmbito do Sistema de Bibliotecas da UFMG (SB/UFMG), tomando a Biblioteca Central como estudo de caso.

I. O CASO DA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFMG

1.1. A Biblioteca Central da UFMG: uma breve caracterização

A criação da Biblioteca Central (BC) está ligada ao processo de consolidação da própria Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A UFMG, criada oficialmente em 1927, resultou da junção de escolas já existentes em Belo Horizonte, sendo elas a Faculdade de Direito (criada em 1892 em Ouro Preto e transferida para a capital em 1898), a Escola Livre de Odontologia (1907), a Faculdade de Medicina (1911) e a Escola de Engenharia (1911). Cada uma dessas unidades possuía acervos independentes, que atendiam às necessidades específicas de seus cursos, mas que não estavam em um sistema unificado de informação (UFMG, 2014).

A ausência de uma biblioteca centralizada refletia o modelo predominante de ensino superior no Brasil, ainda inspirado nas escolas profissionais isoladas. Essa configuração gerava alguns desafios, como a duplicação de acervos, a ausência de padronização de serviços e a dificuldade de acesso amplo à informação por parte da comunidade acadêmica. Com o processo de expansão da UFMG, especialmente a partir da década de 1940, tornaram-se necessárias a centralização dos serviços e maior suporte à comunidade universitária (UFMG, 2017).

Com a implantação do *campus* Pampulha, na década de 1960, a ideia de uma biblioteca geral, que pudesse não apenas reunir parte significativa do acervo das unidades, mas também servir como núcleo articulador do Sistema de Bibliotecas da UFMG (SB/UFMG), tornou-se o objetivo principal da universidade.

A inauguração da Biblioteca Central no *campus* Pampulha da UFMG ocorreu em 1981 (Figura 1), após anos de planejamento e como resultado do processo de centralização e fortalecimento das bibliotecas universitárias iniciado na década de 1960, a partir da criação da Biblioteca Universitária (BU). A bibliotecária Marília Júnia de Almeida Gardini foi a idealizadora do projeto de construção, com contribuição da Dra. Etelvina Lima, que teve um papel na implantação da BC na UFMG (UFMG, 2014).

Figura 1 - Construção do prédio da Biblioteca Central



Fonte: (UFMG, 2017).

Embora o objetivo original do projeto fosse que a BC reunisse todos os acervos das faculdades, escolas e institutos da UFMG, essa meta nunca foi completamente alcançada. Algumas unidades resistiram à centralização e mantiveram parte de seus acervos localizados fora da BC. A proposta visava que além da BC, a Biblioteca do Campus Saúde centralizasse materiais de Medicina, Enfermagem e Odontologia, mas essa parte do plano não se efetivou completamente (UFMG, 2014).

A partir de sua inauguração, a BC passou a abrigar outros acervos. O prédio incorporou o acervo de pós-graduação do Instituto de Ciências Biológicas (ICB), a Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras, o Espaço de Leitura, os Escritores Mineiros e mais tarde a Coleção Memória Intelectual da UFMG, criada em 1986 para preservar documentos, objetos e registros da história acadêmica, artística e cultural da universidade (UFMG, 2014).

Atualmente, UFMG possui 26 bibliotecas, com um acervo bibliográfico de mais de um milhão de exemplares, dentre eles, livros, teses, dissertações, periódicos e materiais especiais. E estima-se que são realizados 178 mil empréstimos anualmente (UFMG, 2024). A Biblioteca Central é uma das unidades que compõem o Sistema de Bibliotecas da UFMG. A organização do sistema é regida pela Resolução nº 12/2005

do Conselho Universitário. Para uma análise da trajetória histórica e da gestão, sugere-se ler os estudos de Carvalho, Pontelo e Gomes (2017), o recente diagnóstico de dimensionamento de pessoal (Araújo; Carvalho; Gonçalves, 2025).

1.2. Oficina de Preservação do Acervo

A *Política de Desenvolvimento do Acervo Bibliográfico do SB/UFMG* (2023) prevê a criação de oficinas de pequenos reparos de acervos bibliográficos nas bibliotecas das diferentes unidades. Essas oficinas teriam por objetivo executar pequenas intervenções dentro da própria biblioteca, sob a responsabilidade de profissional capacitado, e com orientações padronizadas definidas pela BU.

Artigo 33 [...] § 1º Recomenda-se a criação de oficinas de pequenos reparos sob a responsabilidade de um profissional capacitado, para que sejam executadas pequenas intervenções dentro da própria biblioteca (UFMG, 2023, p. 9).

De acordo com a política, a implantação das oficinas responde à necessidade de otimizar recursos e descentralizar as ações de conservação, permitindo que intervenções simples sejam realizadas de forma ágil, sem depender do envio dos exemplares a setores especializados. Contudo, o documento ressalta que essas oficinas não substituem os cuidados realizados pela Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras da Universidade: materiais que apresentem degradação severa, ou que possuam valor histórico, estético ou bibliográfico, devem ser encaminhados para tratamento especializado.

A política também define limites para as intervenções. Livros anteriores a 1950 não devem passar por reparos nas oficinas, devendo ser tratados como parte de coleções especiais. Já os itens do acervo corrente, em especial obras didáticas e de alta circulação, são os principais livros reparados pelas oficinas.

A Oficina de Preservação da BC foi criada em 2011, a partir de um projeto idealizado pelas diretoras da BU, Maria Elizabeth de Oliveira Costa e Rosemary Toffani, com a participação da Adriana Piquerotti, servidora da própria instituição. A proposta foi apresentada ao então reitor Clélio Campolina Diniz (gestão 2010–2014). Em 2 de junho de 2011, a oficina começou seus primeiros trabalhos de pequenos reparos.

O projeto tinha como objetivo inicial centralizar na Oficina de Preservação da BC todos os exemplares de acervo corrente que necessitassem de reparos, de todas as unidades. Contudo, o elevado volume de livros e a logística envolvida no transporte entre as diferentes unidades tornaram essa proposta inviável. Logo, a Oficina da BC passou a funcionar como um projeto piloto, com a finalidade de testar seu funcionamento, para que, posteriormente, o modelo pudesse ser implantado gradualmente nas demais bibliotecas do sistema.

No início, a oficina ocupava apenas uma mesa no terceiro andar da BC. O espaço era limitado e por isso, ainda não tinham todos os materiais e ferramentas necessárias para os reparos. Em 2013, o então diretor da BC promoveu uma reorganização dos ambientes, a sala que até então era ocupada pelo Centro de Extensão (CENEX) foi destinada à oficina, e o CENEX passou a utilizar o espaço anteriormente ocupado pela oficina, no terceiro andar. Desde então, a Oficina de Preservação permanece instalada no segundo andar da BC (Figura 2,).

Figura 2 – Entrada da Oficina de Preservação



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025.

A Oficina ocupa uma ampla sala no segundo andar, conforme Figuras 3 e 4, que dá acesso a outras quatro salas menores. O espaço principal é organizado com uma grande mesa central que serve de área de trabalho coletiva, uma área de escritório,

um balcão de madeira, duas mapotecas, uma estante e dois armários de metal destinados ao armazenamento de livros, ferramentas e insumos. Entre os equipamentos disponíveis, estão, uma mesa de higienização, uma prensa de mesa e uma prensa *hot stamping* (Figuras 5 e 6). As quatro pequenas salas são divididas entre um ambiente para refeições (Figura 9), e outras três salas para acondicionamento dos livros históricos que precisam de restauração (Figuras 7 e 8).

Figuras 3 e 4 – Oficina de Preservação



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025.

Figuras 5 e 6 – Armazenagem de materiais e *hot stamping*



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025.

Figuras 7 e 8 – Salas de acondicionamento do acervo histórico



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025.

Figura 9 – Sala para refeições



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025.

A oficina passa por constantes adaptações, tanto em sua estrutura física quanto em suas práticas, com o objetivo de aprimorar o ambiente de trabalho e otimizar a realização dos pequenos reparos. Uma dessas melhorias ocorreu em 2020, com a instalação de uma pia, que até então não existia no espaço. Essa mudança representou um avanço não apenas para a higienização de pincéis, mata borrão e outros materiais, como, principalmente, nas condições de trabalho.

Desde sua implantação, a assistente administrativa, Adriana Piquerotti, é responsável pelo trabalho desenvolvido na oficina no âmbito de pequenos reparos e tratamento de encadernações. Atualmente, ela conta com o apoio de duas estagiárias do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, contratadas pelo período de um ano. Esta é a primeira vez que Adriana dispõe de uma equipe mais ampla, composta por duas estagiárias simultaneamente, já que, ao longo de grande parte de sua trajetória na oficina, atuou sozinha ou, em alguns períodos, com o auxílio de apenas um estagiário.

A gestão e a execução das atividades relacionadas aos pequenos reparos na Oficina de Preservação da Biblioteca Central são desempenhadas por assistentes administrativos, e não necessariamente por bibliotecários ou conservadores-restauradores. Essa configuração parece refletir um padrão recorrente também nas bibliotecas setoriais da UFMG, nas quais as atividades de pequenos reparos dos livros são conduzidas por assistentes administrativos, enquanto os bibliotecários se dedicam à gestão técnica e organizacional do acervo, corroborada pelos dados do Relatório Anual da Biblioteca Universitária (UFMG, 2024), que não apresenta o conservador-restaurador em seu quadro de pessoal. Essa estrutura tem se mostrado funcional dentro do contexto institucional, ainda que o número de técnicos atualmente destinados a esse trabalho não seja suficiente para atender de forma plena à demanda de toda a rede de bibliotecas da universidade.

II. DEFINIÇÕES IMPORTANTES

2.1 Acervo Corrente

De modo geral, as bibliotecas universitárias organizam seus acervos bibliográficos de forma contínua, contemplando tanto as obras de valor histórico e artístico, que integram as coleções patrimoniais de acordo com os critérios definidos por cada instituição, quanto às obras que compõem as coleções correntes, voltadas às áreas de conhecimento, às bibliografias dos cursos e às sugestões da comunidade acadêmica (Duarte, 2014).

Estudos sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias destacam que o acervo corrente é constituído por materiais de uso ativo e atualização constante, sujeitos a políticas de descarte, substituição e recomposição, de modo a manter a relevância e a atualidade da coleção (Melo *et al.*, 2021). Esses livros passam por empréstimos domiciliar que os expõe a desgastes naturais e a riscos de degradação provocados por fatores como más práticas de manuseio, temperatura e umidade inadequadas, agentes biológicos, poluentes, furtos e até atos de vandalismo (Cunha *et al.*, 2018).

O acervo corrente compreende o conjunto de materiais bibliográficos em uso regular, destinados a oferecer suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão, distinguindo-se, portanto, dos acervos especiais e de obras raras. A Biblioteca Nacional, em suas diretrizes sobre raridade bibliográfica, estabelece que o acervo corrente corresponde aos materiais que atualizam a coleção, como livros, periódicos e outras publicações de uso regular, enquanto os acervos especiais e de obras raras exigem condições específicas de guarda, manuseio e segurança (BIBLIOTECA NACIONAL, 2014). Essa diferenciação enfatiza o caráter funcional do acervo corrente, voltado à circulação e ao atendimento direto ao público, ao contrário das coleções patrimoniais, cuja prioridade é a preservação da integridade física e histórica.

Nas universidades, a noção de acervo corrente aparece integrada à política de coleções e à gestão de circulação. A UFMG, por meio da Política de Desenvolvimento do Acervo Bibliográfico (UFMG, 2023), reforça a distinção das obras raras ao determinar diretrizes específicas para o acervo corrente e outra para as coleções

especiais e obras raras. O documento sobre acervo corrente define que a preservação deve se concentrar em ações de conservação preventiva e curativa, adequadas ao uso intenso desses materiais. A política também veda expressamente qualquer tipo de reparo em livros datados até 1950, reconhecendo que esses exemplares, mesmo integrando coleções de consulta, exigem tratamento diferenciado devido a sua antiguidade e potencial valor histórico.

Além disso, a UFMG estabelece regras complementares de preservação e acesso. Obras anteriores a 1930 devem ser transferidas para a Divisão de Coleções Especiais, enquanto livros publicados até 1899 têm acesso restrito à consulta local, em ambientes controlados.

Artigo 45: Podem ser recolhidos e transferidos para a Divisão de Coleções Especiais documentos bibliográficos datados até 1930.

Art. 46. As bibliotecas que mantiverem livros anteriores a 1930, devem obrigatoriamente, garantir que o documento bibliográfico seja guardado em espaço físico adequado; devidamente acondicionado, com materiais de qualidade arquivística, e armazenado em estantes adequadas.

Art. 47. Os documentos bibliográficos datados até 1930 são exclusivos para consulta local em salas específicas da biblioteca. (UFMG, 2023, p.15-16)

O entendimento institucional é de que o acervo corrente é formado por materiais contemporâneos e de reposição possível, enquanto os exemplares antigos e raros compõem o patrimônio documental da universidade.

O Regulamento sobre Acervos Especiais da UFMG (2010) reforça essa ideia, definindo o acervo especial como aquele constituído por materiais bibliográficos, imagéticos, sonoros e audiovisuais, reunidos em torno de um projeto acadêmico específico, dotado de identidade e objetivos próprios.

A Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte define o acervo de uso corrente como acervo circulante, ou seja, o conjunto de materiais selecionados, processados e disponibilizados para empréstimo ao público e para atendimento das demandas cotidianas de leitura (BELO HORIZONTE, 2024).

Paralelamente, a Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais (BPEMG) mantém Coleções Especiais, cujo acesso é exclusivamente para consulta, sem empréstimo, o que evidencia a distinção entre o acervo de uso corrente e conjuntos patrimoniais de guarda e acesso controlados (BPEMG, 2023?).

No cenário internacional, as diretrizes da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) contribuem para a delimitação conceitual entre acervos correntes e coleções especiais. As *Competency Guidelines for Rare Books and Special Collections Professionals* (IFLA, 2020) descrevem o papel das coleções especiais como guardiãs da memória, autenticidade e materialidade do documento, o que, por contraste, permite identificar o acervo corrente como aquele que atende às demandas informacionais de rotina, com foco no acesso, na circulação e na reposição.

Quanto à caracterização, o acervo corrente compreende materiais tipicamente emprestáveis e de alta demanda de consulta, envolvendo livros de curso, periódicos correntes e obras de referência usuais, que passam por processamento técnico e renovação contínua para manter-se atualizado. A própria Biblioteca Nacional menciona o processamento biblioteconômico do acervo corrente como atividade estruturante (BRASIL, 2022, Seção 4, Art. 11).

Por sua natureza dinâmica, o acervo corrente exige gestão contínua e estratégias de preservação compatíveis com o uso intensivo. A constante movimentação dos exemplares implica não apenas o controle bibliográfico, mas também o monitoramento de seu estado físico, de modo que a conservação seja parte integrante da rotina de circulação. Nessas condições, a vida útil do livro está diretamente relacionada à frequência de empréstimos, ao tipo de manuseio e às condições ambientais dos espaços de guarda e leitura. A adoção de práticas regulares de higienização, inspeção e acondicionamento adequados torna-se, portanto, essencial para evitar a deterioração precoce de obras que precisam permanecer disponíveis.

Além disso, a gestão do acervo corrente envolve decisões constantes de substituição e recomposição, determinadas tanto pela obsolescência do conteúdo quanto pelas condições físicas dos materiais. A presença de exemplares danificados, mas ainda relevantes academicamente, demanda políticas de tratamento que articulem conservação e reposição.

O acervo corrente, portanto, não é apenas um conjunto de obras em constante atualização, mas um sistema, que traduz o ritmo da produção e do consumo de conhecimento dentro da universidade. Sua preservação requer o reconhecimento de que cada exemplar, mesmo substituível, cumpre papel essencial na continuidade das atividades acadêmicas. A manutenção desse equilíbrio entre uso, reposição e conservação é o que assegura a permanência da função social da biblioteca como mediadora entre o patrimônio bibliográfico, difusão científica e a experiência cotidiana dos estudantes, técnicos, professores e pesquisadores.

2.2. Pequenos Reparos

Os pequenos reparos constituem um conjunto de procedimentos técnicos aplicados a materiais bibliográficos com o objetivo de restabelecer a estabilidade física e a funcionalidade do exemplar, garantindo a continuidade de seu uso sem comprometer sua integridade estrutural ou a legibilidade do conteúdo. No campo da conservação de documentos gráficos, esse termo designa intervenções pontuais, de baixa complexidade e de caráter funcional, voltadas à manutenção da circulação e à prevenção da perda material progressiva (Kremer *et al.*, 2001; Moraes, 2018; Monteiro, 2021).

Diferenciam-se das intervenções de restauração em dois aspectos fundamentais: primeiro, pela natureza simbólica e material dos bens sobre os quais incidem — voltados, em geral, a acervos correntes, e não a conjuntos patrimoniais cuja integridade histórico-artística exige tratamento especializado —; e, segundo, pelo escopo restrito das ações curativas e preventivas que integram seus protocolos, definidos de acordo com a especificidade funcional desses acervos e orientados para a manutenção do uso cotidiano. Em termos operacionais, os pequenos reparos situam-se no ponto de interseção entre a prevenção e a intervenção direta: tratam danos já instaurados, mas o fazem com o propósito de estabilização e continuidade do uso, e não de restituição estética ou histórica (Moraes, 2018; Monteiro, 2021).

Do ponto de vista metodológico, essas ações não se enquadram no princípio de intervenção mínima, categoria aplicável às práticas de conservação e restauração. Em vez disso, baseiam-se em uma lógica de proporcionalidade e adequação, segundo

a qual as escolhas técnicas devem considerar o valor, a função e o regime de uso do exemplar, reconhecendo que toda intervenção envolve custos, riscos e impactos materiais (Viñas, 2004, p. 202-205). De acordo com Serrano (2013), esses reparos envolvem ações localizadas e reversíveis, como recomposição de rasgos com papel japonês, fixação de folhas soltas e reforço de charneiras e lombadas, uso de adesivos reversíveis, como o amido e derivados de celulose, priorizando a manutenção da integridade física e funcional do exemplar.

No acervo corrente, o valor das obras está associado primordialmente à sua função informacional e educativa, e não, necessariamente, aos valores históricos, simbólicos ou materiais que caracterizam os acervos patrimoniais. Por essa razão, os reparos visam restituir a funcionalidade física do exemplar, assegurando sua continuidade no empréstimo domiciliar. Em contrapartida, livros antigos e raros, edições antigas, documentos de valor patrimonial ou itens de coleções especiais não devem receber reparos desse tipo, uma vez que exigem avaliação técnica detalhada e tratamento especializado. A própria política da UFMG estabelece que livros publicados até 1950 não sejam submetidos a pequenos reparos, mas encaminhados para tratamento em setores de conservação e restauração. Embora o critério cronológico não seja exclusivo na definição das coleções especiais e raras, ele serve como referência para o tratamento técnico diferenciado desses acervos.

Monteiro (2021), por outro lado, acredita que os pequenos reparos se enquadram no conceito de conservação preventiva. O autor conceitua a conservação preventiva como o conjunto de medidas que visam retardar a deterioração do acervo sem alterar suas características materiais. Entre essas medidas, inclui ações de estabilização física e intervenções rápidas de caráter corretivo, o que aproxima a definição de pequenos reparos da conservação preventiva. Assim, embora a conservação preventiva tradicionalmente se refira a ações indiretas, sua aplicação em bibliotecas universitárias engloba também a estabilização necessária para assegurar o uso contínuo dos livros.

A realização de pequenos reparos dentro das bibliotecas universitárias insere-se em uma perspectiva de gestão ativa e preventiva do acervo corrente, voltada à preservação de sua funcionalidade e à otimização de recursos institucionais.

Conforme ressalta Viñas (2004, p. 194-197), a conservação contemporânea deve ser entendida como um processo de tomada de decisões graduais, em que o grau de intervenção é proporcional à função e ao valor do objeto. Assim, os pequenos reparos aplicados em livros de acervo corrente configuram-se como ações curativas mínimas, que prolongam a vida útil das obras sem comprometer sua integridade estrutural.

2.3. A Conservação como Compromisso Institucional e Ético

Como observa Viñas (2004, p. 210-212), a conservação é, antes de tudo, um campo ético. Ela envolve julgamentos de valor sobre o que deve ser preservado, como e por quê. Cada decisão implica uma escolha sobre o significado do objeto e sobre a forma como ele será transmitido ao futuro. Por essa razão, a formação do conservador-restaurador não se limita ao domínio técnico, mas inclui uma reflexão profunda sobre os princípios de reversibilidade¹, compatibilidade e intervenção mínima. A capacitação para a execução de tarefas pontuais, como a aplicação de adesivos ou o reforço de lombadas, não confere a qualificação profissional de conservador-restaurador, assim como o ensino de técnicas básicas de manutenção pictórica não forma um restaurador de obras de arte. O risco reside na confusão entre a execução de uma ação técnica e o exercício de uma função profissional especializada.

Ainda segundo Viñas (2004), toda intervenção conservativa é determinada pelos valores que a sociedade atribui ao objeto: valor estético, histórico, simbólico ou patrimonial. No caso dos acervos correntes, o valor principal é o de uso, e a intervenção é regida pela necessidade de manter a funcionalidade. No caso dos acervos raros e patrimoniais, prevalecem os valores histórico e documental, o que requer que as intervenções sejam objeto de reflexão crítica e criteriosa, pautadas por princípios de reversibilidade, estabilidade e mínima interferência na materialidade original das obras. Assim, um mesmo procedimento pode assumir significados distintos conforme o contexto: no acervo corrente, configura-se como um pequeno reparo; já no acervo patrimonial, a mesma ação poderia representar um risco ou

¹ O conceito de reversibilidade tem passado por revisões e atualizações. Não será abordado na presente pesquisa os questionamentos e investigações que envolvem este tema.

ocasionar danos irreversíveis. Essa distinção fundamenta a separação entre os pequenos reparos realizados nas bibliotecas universitárias e a restauração de coleções patrimoniais.

Ao analisar as práticas da UFMG em relação às coleções especiais e obras raras, observa-se que o acervo recebe tratamento técnico diferenciado, conforme evidenciado no Relatório Anual da Biblioteca Universitária (UFMG, 2024). A Divisão de Coleções Especiais (DICOLESP) mantém um laboratório próprio e executa intervenções mediante critérios de preservação, além de realizar o monitoramento ambiental e controlar o acesso às obras mediante agendamento. A Biblioteca Nacional (2014) e a própria UFMG (2023) estabelecem que livros publicados antes de 1950 devem ser encaminhados a setores especializados de conservação e restauro, sendo vedadas intervenções diretas nas unidades.

No contexto dos acervos correntes, o valor dos exemplares está associado principalmente à sua função informacional e educativa, e não a atributos históricos ou patrimoniais. Nesse cenário, a discussão não deve se concentrar em definir se os pequenos reparos devem ser realizados apenas por profissionais especializados ou se podem ser executados por bibliotecários e auxiliares. O ponto central é reconhecer que tais práticas já integram a rotina das bibliotecas universitárias e são essenciais para garantir a circulação e o uso contínuo dos materiais.

Diante dessa realidade, negar ou ignorar a existência dessas intervenções não elimina a prática, apenas a torna mais vulnerável a erros e danos. Assim, entende-se que a formulação de diretrizes técnicas sistemáticas e fundamentadas se torna uma medida necessária, capaz de qualificar e orientar essas ações cotidianas, promovendo uma abordagem mais consciente, segura e alinhada aos princípios da preservação.

As bibliotecas públicas e universitárias brasileiras enfrentam desafios recorrentes relacionados à infraestrutura, conservação dos acervos e limitações orçamentárias. Ignorar a necessidade de intervenções básicas seria condenar muitos livros de acervo corrente ao descarte prematuro. Como destacam Cunha *et al.* (2018) e Melo *et al.* (2021), o desgaste dos livros é inevitável em coleções de alta circulação, e o reparo consciente é uma medida fundamental para prolongar o acesso à informação.

Duarte (2014, p. 9) argumenta que a conservação deve ser entendida como um compromisso contínuo das instituições com a integridade informacional e material de seus acervos. A responsabilidade pela preservação, portanto, não se limita ao conservador, mas envolve toda a cadeia de custódia e gestão, desde o bibliotecário até o gestor institucional.

A Política de Desenvolvimento do Acervo Bibliográfico do SB/UFMG (2023, p. 9) reconhece explicitamente essa realidade ao propor a criação de oficinas de pequenos reparos. A instituição compreende que a preservação do acervo corrente exige ações de conservação preventiva e curativa mínima, adaptadas à rotina das bibliotecas e aos perfis de suas equipes. Essa iniciativa representa um avanço significativo na institucionalização do cuidado com o acervo, mas também evidencia a necessidade de protocolos que orientem os procedimentos e defina os materiais adequados.

O reconhecimento de uma estrutura permanente voltada a esse tipo de trabalho evidencia que os pequenos reparos são entendidos como uma prática consolidada e contínua, e não como ação eventual. Essa institucionalização reforça o papel dos reparos como parte de uma política de conservação planejada, incorporada à rotina das bibliotecas.

É possível e desejável que bibliotecários, técnicos administrativos e estagiários aprendam a realizar reparos simples, desde que saibam reconhecer os limites de sua atuação e compreendam quando é necessário encaminhar uma obra a um profissional especializado.

Outro fator importante a se considerar é a formação das equipes, que pode variar entre bibliotecários, assistentes administrativos e estagiários de diferentes áreas de conhecimento; a biblioteca da faculdade de direito pode ser composta apenas por estagiários dessa área, assim como na engenharia, ciências biológicas e assim por diante. Uma diretriz clara permitiria que qualquer profissional ou estagiário pudesse compreender e aplicar os mesmos procedimentos.

A padronização das práticas de reparo pode favorecer uma maior integração entre as bibliotecas e os profissionais da área de conservação, permitindo que as intervenções sejam realizadas em conformidade com os princípios da preservação, assegurando sua reversibilidade e caráter limitado. Essa sistematização contribuiria para delimitar

com clareza o escopo do que se entende por pequeno reparo e, sobretudo, para distinguir essa prática das intervenções de restauração. O bibliotecário ou profissional recrutado para o desenvolvimento do trabalho compreende que sua ação não se enquadra em um contexto de restauração, mas sim de um quadro amplo de preservação das coleções. A restauração permanece como campo exclusivo do conservador-restaurador, reconhecida como prática técnico-científica, fundamentada em teorias consolidadas, metodologias próprias e princípios éticos rigorosos. Enquanto os pequenos reparos em acervo corrente podem ser compreendidos como práticas de manutenção, alinhadas às realidades das instituições, realizadas sob orientação, com base em protocolos precisos e com a consciência de seus limites.

Nesse sentido, a distinção clara entre as competências evidencia que a adoção de protocolos de reparo não substitui a necessidade de se articular a criação e ocupação de vagas para conservadores-restauradores nas bibliotecas universitárias. Entretanto, enquanto essa lacuna estrutural persiste, os pequenos reparos em acervo corrente devem ser compreendidos e valorizados como práticas de manutenção essenciais, alinhadas à realidade institucional possível, realizadas sob orientação e com a consciência de seus limites

III. MANUAIS DE PEQUENOS REPAROS

A produção brasileira de manuais voltados a pequenos reparos em acervos bibliográficos é escassa quando comparada ao volume de publicações sobre conceitos de preservação e conservação preventiva.

No âmbito da UFMG, entretanto, há um esforço histórico em preencher essa lacuna. Destaca-se o livro *Técnicas alternativas de conservação*, das professoras Sônia de Conti Gomes e Rosemary Tofani Motta, publicado originalmente em 1992 e revisto em 1997. A obra representa um marco para a literatura técnica produzida dentro da universidade e surgiu da necessidade de adaptar os procedimentos de conservação à realidade econômica das bibliotecas nacionais, tomando o contexto da própria instituição como base.

Para o contexto da UFMG, a obra possui grande importância histórica e institucional, uma vez que registra metodologias desenvolvidas na própria universidade. Ao utilizar práticas alinhadas a conservação, o livro capacitou bibliotecários e técnicos a realizarem diagnósticos e tratamentos *in situ*. Ao sistematizar o conhecimento gerado na instituição, as autoras formaram a base teórica que influenciaria gerações de profissionais formados pela UFMG, servindo como alicerce metodológico sobre o qual iniciativas posteriores — como a estruturação de oficinas de reparos na BU — puderam ser construídas.

Apesar dessa importante referência local, o cenário nacional reflete a escassez mencionada. Quando observados os guias institucionais de outras bibliotecas universitárias, o foco em conservação preventiva fica evidente, em detrimento da intervenção. Publicações recentes estabelecem diretrizes de preservação e práticas para controle de temperatura, umidade, iluminação e acondicionamento, sem detalhar procedimentos de reparo. Exemplos disso são os manuais institucionais da Faculdade Morgana Potrich (2020) e as diretrizes para limpeza e higienização da Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2024).

Figura 10 e 11 – Manuais institucionais



Fontes: FAMP, 2020; UFU, 2024.

Essa lacuna ajuda a explicar como o “Manual de pequenos reparos em livros”, de Robert J. Milevski (2001), foi amplamente aceito e ainda utilizado como obra referência para pequenos reparos em bibliotecas universitárias.

Por outro lado, observa-se que, no universo anglo-americano, especialmente nos Estados Unidos, há uma tradição consolidada de produção de manuais e diretrizes técnicas voltadas à conservação e ao reparo de livros, amplamente utilizadas em bibliotecas públicas e universitárias. Embora essa tradição cumpra um papel importante, a realidade das condições institucionais e orçamentárias – que permitem com facilidade a reposição de exemplares danificados – faz com que a prática predominante seja a eliminação dos volumes deteriorados, e não a sua reparação. Mesmo quando o reparo seria tecnicamente possível, o custo-benefício das intervenções raramente se justifica, dada a facilidade de reposição e a alta rotatividade dos acervos.

O que se confirma com o Método CREW, desenvolvido pela *Texas State Library and Archives Commission* para orientar a retirada de materiais desatualizados ou pouco utilizados das estantes. A sigla vem de *Continuous Review, Evaluation and Weeding* (revisão contínua, avaliação e “desbaste”, tradução livre), a proposta é integrar o descarte ao desenvolvimento de coleções, por meio de tomada de decisão sobre manter, substituir ou eliminar cada item (Larson, 2012).

Um artigo da revista *American Libraries* (Vnuk, 2016) registra que, apesar da reputação negativa que o descarte de livros pode gerar, ele é percebido como necessário por bibliotecários, para manter a qualidade, o espaço e a relevância da coleção. Um estudo da *Purdue University Library* (Burke *et al.*, 2019) menciona que as bibliotecas universitárias passaram a adotar sistemas mais rigorosos de avaliação de livros danificados, muitas vezes preferindo descartar exemplares em vez de repará-los, especialmente quando o acervo é volumoso e de fácil aquisição.

3.1. Levantamento Internacional

3.1.1 A Simple Book Repair Manual, da Dartmouth College Library

O manual “*A Simple Book Repair Manual*”, da Dartmouth College Library, escrito em 1996, se concentra nos princípios básicos, como identificação de livros apropriados para pequenos reparos e dez procedimentos simples, seguidos por um conjunto de ferramentas recomendadas, glossário e bibliografia.

Figura 12 – *A Simple Book Repair Manual*

Preservation Services: A Simple IBook Repair Manual

Ud UepdriffieUL UI LUC UHCUEI
National Park Service
National Center for
Preservation Technology and Training
Publication No. 1995-02



A Simple Book z Repair Manual

The web version of the Simple Book Repair Manual was created by members of Preservation Services. Dartmouth College Library. Copyright 1996 the Board of Trustees of Dartmouth College, Hanover, New Hampshire. All rights reserved. Permission is granted for copying and redistribution as long as this copyright notice is included.

Funding for this web site was provided by the National Park Service's National Center for Preservation Technology and Training, Natchitoches, Louisiana and Dartmouth College Library. NCPTT promotes and enhances the preservation of prehistoric and historic resources in the United States for present and future generations through the advancement and dissemination of preservation technology and training. NCPTT's Preservation Technology and Training Grants program develops partners in non-profit organizations, universities and government agencies throughout the United States to complete critical preservation work and lends significant support to cutting-edge developments in the conservation and preservation community.

Preservation Services

Fonte: DARTMOUTH COLLEGE LIBRARY, 1996

Na introdução, o manual conceitua os princípios de reversibilidade, como evitar causar danos adicionais e explica que os pequenos reparos não devem consumir muito tempo da equipe. Em seguida, define as partes do livro e apresenta orientações para organizar o espaço de trabalho, determinando características físicas como superfície ampla, iluminação, proximidade a áreas de processamento. O manual estabelece critérios para decidir se um livro deverá ser tratado na biblioteca, encaminhado para restauração especializada ou encadernação comercial, como fragilidade do papel, grau de dano, urgência de uso e viabilidade técnica.

O capítulo principal do manual é dedicado aos reparos, que consistem em: limpeza de páginas, reparo de páginas rasgadas, inserção de página solta, consolidação de charneira, reparo de cantos de capas, costura de três pontos para cadernos únicos, construção de novo dorso com remontagem da lombada original, secagem de livros molhados e ajuste de charneira. Para cada reparo, o manual apresenta lista de suprimentos sugeridos e sequência de passo a passo.

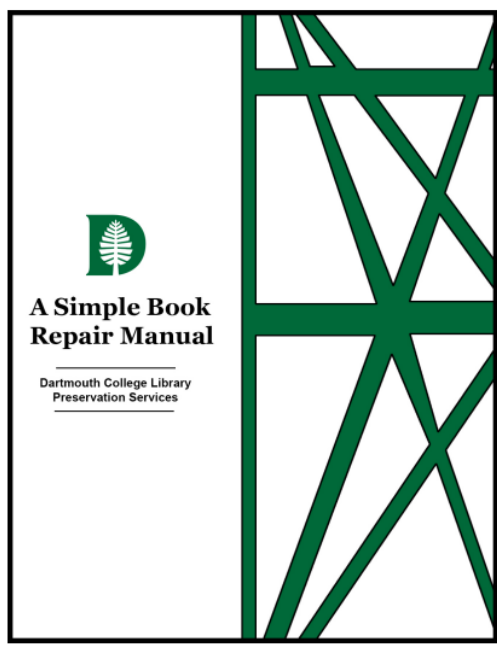
Vale ressaltar que, por mais que o manual apresente um conteúdo rico em procedimentos, ele não contém nenhuma ilustração, fotografia ou diagrama explicativo para acompanhar os passos descritos. Isso torna cada instrução

dependente exclusivamente do texto, exigindo do leitor um esforço interpretativo maior para visualizar cortes, dobras, dobras internas ou colagem. A falta de representação visual reduz a eficácia pedagógica do documento, especialmente para técnicos com menos experiência.

3.1.2 A Simple Book Repair Manual, da Dartmouth College Library

O manual institucional “*A Simple Book Repair Manual*”, da *Dartmouth College Library (Preservation Services)* é voltado a acervos correntes em bibliotecas universitárias, feito para oficinas de preservação. A primeira edição de 1996, descrita anteriormente, foi revisada e publicada em 2019, focando na mínima intervenção, estabilidade e uso de materiais de qualidade arquivística.

Figura 13 - *A Simple Book Repair Manual, da Dartmouth College Library*

 A Simple Book Repair Manual Dartmouth College Library Preservation Services	Table of Contents Introduction A Simple Book Repair Manual: Acknowledgements 3 A Simple Book Repair Manual: Purpose of In-House Book Repair 4 A Simple Book Repair Manual: Identifying Material 5 A Simple Book Repair Manual: Guiding Principles of Book Repair 7 A Simple Book Repair Manual: In-house Repair Area 8 A Simple Book Repair Manual: General Guidelines 9 Reference A Simple Book Repair Manual: Toolbox 10 A Simple Book Repair Manual: Parts of a Book and Grain Direction 20 Repairs A Simple Book Repair Manual: Four Flap Wrapper 24 A Simple Book Repair Manual: General Cleaning 36 A Simple Book Repair Manual: Torn Pages 38 A Simple Book Repair Manual: Tipping in a Page 47 A Simple Book Repair Manual: Hinge Repair with Japanese tissue 50 A Simple Book Repair Manual: Corner Consolidation 54 A Simple Book Repair Manual: Sewing a Single Signature Pamphlet 59 A Simple Book Repair Manual: Spine repair 67 A Simple Book Repair Manual: Air Drying Wet Books 77 A Simple Book Repair Manual: Hinge Tightening 81
---	---

Fonte: DARTMOUTH COLLEGE LIBRARY, 2019

O manual se divide em três partes: uma introdução sobre instruções de organização do espaço de trabalho, diretrizes de como cuidar e armazenar ferramentas e materiais;

um glossário ilustrado dos mesmos elementos, explicando, também, a função de cada um; e os protocolos com passo a passo acompanhados de listas de materiais, preparação, sequência de execução com fotografias e critérios de seleção do que é adequado para o tratamento local.

Os reparos descritos são: confecção de caixa quatro abas para armazenagem dos livros, higienização geral, consolidação de páginas rasgadas, inserção de uma página solta, reparo de charneira com papel japonês, consolidação de cantos, encadernação e costura de três pontos para caderno único, reparo de lombada, secagem de livros molhados e ajuste de charneira. O principal adesivo utilizado é o poliacetato de vinila (PVA), aplicado puro ou misturado à metilcelulose e, para rasgos, utilizam cola de amido.

Entre os protocolos, destaca-se o reparo da lombada, que combina retirada do dorso, realização de encadernação embutida e colagem da lombada original ao revestimento. O procedimento inicia com a remoção da lombada original, limpeza e consolidação do dorso e, em seguida, um novo dorso é inserido entre as capas e a lombada original é recolada sobre esse revestimento.

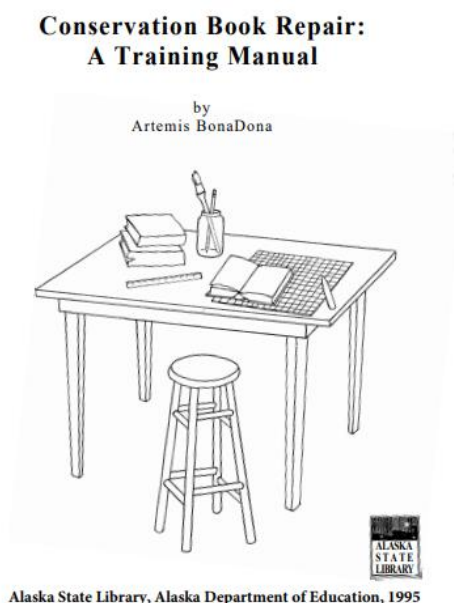
A atualização de 2019, acrescentou fotografias ao manual, facilitando a compreensão das diretrizes. As práticas de reversibilidade, preferência por adesivos de amido e misturas de PVA e metilcelulose, uso de suportes alcalinos, tornaram a metodologia coerente com a literatura contemporânea de preservação. Sua estrutura de divisão facilita a incorporação em bibliotecas, com adaptações de materiais para o mercado atual, mantendo o foco em funcionalidade, segurança e vida útil.

Diversas universidades norte-americanas referenciam e utilizam esse manual como guia de procedimentos institucionais, referências de leitura ou adoção para treinamentos e rotinas de oficinas. São algumas universidades: *Auburn University, University of North Carolina, Colorado State University Libraries, University of California, Western Kentucky University*.

3.1.3 Conservation Book Repair: A Training Manual, de Artemis BonaDea

O manual *“Conservation Book Repair: A Training Manual”*, de Artemis BonaDea, foi publicado pela *Alaska State Library*, em 1995, e constitui uma das obras mais completas de referência prática voltadas ao reparo e conservação de livros de acervo corrente em bibliotecas públicas e universitárias. Elaborado com o objetivo de capacitar profissionais e técnicos a realizarem pequenos reparos de forma segura, padronizada e economicamente viável. O documento combina descrições textuais detalhadas, ilustrações esquemáticas e passo a passo. O manual foi escrito dentro do programa de preservação da *Alaska State Library*, com a intenção de oferecer uma metodologia unificada para as bibliotecas do estado e, posteriormente, passou a ser amplamente difundido em oficinas e cursos de formação técnica nos Estados Unidos.

Figura 14 - *Conservation Book Repair: A Training Manual*, de Artemis BonaDea



Fonte: ALASKA STATE LIBRARY, 1995

O manual inicia com uma introdução que apresenta os principais conceitos de pequenos reparos e a importância da capacitação dos profissionais de biblioteca. A segunda parte apresenta informações básicas sobre a estrutura física do livro, a

natureza dos materiais e os princípios de conservação para a realização do trabalho técnico. Nessa seção, BonaDea descreve os diferentes tipos de papel, tecidos de encadernação e adesivos, enfatizando a importância da direção da fibra e da compatibilidade entre os materiais utilizados. São comparados os usos de colas de amido e de adesivos sintéticos à base de PVA e das misturas entre os dois, ressaltando suas propriedades de flexibilidade, adesão e reversibilidade. Essa discussão é acompanhada por recomendações sobre o uso de linha de linho encerada, tipos de agulhas e orientações de costura.

As seções seguintes constituem o passo a passo, separado de acordo com o nível de complexidade dos reparos. Na parte dos reparos simples, são descritos procedimentos de limpeza, consolidação de rasgos, reforço de cantos e reparo de charneiras. As instruções são acompanhadas por ilustrações e observações sobre a aplicação dos materiais. Para a consolidação de rasgos, orienta o uso de papel japonês, aplicado com cola de amido.

Os reparos intermediários e avançados abrangem técnicas de inserção de páginas soltas, substituição de páginas perdidas, como fazer novas guardas e reforço de lombadas. Nessas intervenções, o manual combina instruções técnicas com observações sobre planejamento, segurança e acabamento. Em casos de lombadas com muitas perdas, é recomendada a substituição parcial da lombada, realizando uma encadernação embutida.

O manual *“Conservation Book Repair: A Training Manual”* é uma das primeiras tentativas de reunir diretrizes de conservação e reparo de livros voltadas ao cotidiano de bibliotecas públicas. No entanto, apesar de sua importância histórica e de seu papel pioneiro na consolidação de políticas de preservação em acervos de obras correntes, o manual apresenta limitações quando analisado sob uma perspectiva atual.

A obra propõe instruções, mas a linguagem empregada é muito descritiva, muitas vezes distante do vocabulário de outros manuais de pequenos reparos. A falta de uniformidade terminológica e a presença de trechos longos e pouco objetivos tornam a leitura densa e, por vezes, confusa, dificultando a aplicação direta das instruções. Além disso, a estrutura linear do texto exige que o leitor percorra grandes blocos de

informação para localizar um procedimento específico, o que compromete sua eficiência como ferramenta de consulta rápida em contextos de oficina.

Do ponto de vista visual e didático, o manual apresenta poucas ilustrações que, além de serem simples, são pouco explicativas, não acompanhando de modo eficaz a sequência dos procedimentos descritos. Como as técnicas de reparo de livros dependem fortemente da visualização de etapas, a ausência de um conjunto ilustrado mais elaborado prejudica a compreensão, especialmente para leitores com pouca experiência prática. O resultado é um texto que, embora repleto de informações, carece de clareza metodológica e de recursos visuais que traduzam o discurso técnico em instruções concretas.

Ao comparar o manual de BonaDea com guias posteriores, como o “*A Simple Book Repair Manual*” da *Dartmouth College Library* (2019), percebe-se que o segundo alcança maior eficiência ao transformar os pequenos reparos em um processo instrucional, com linguagem clara, etapas numeradas e ilustrações diretas. Enquanto o manual de Dartmouth é voltado para a aplicabilidade imediata e o treinamento de equipes técnicas, o de BonaDea se aproxima de um tratado de referência, voltado mais à leitura formativa do que à execução cotidiana.

O manual da *Dartmouth College Library* (2019) é organizado em capítulos independentes, que permite que o leitor acesse diretamente o procedimento sem a necessidade de leitura sequencial ou de consulta a capítulos prévios, cada procedimento possui uma lista de materiais própria e instruções com passo a passo ilustrado. O estilo textual é direto, com sentenças curtas e vocabulário enxuto. Enquanto o de BonaDea se estende em explicações sobre os materiais, os motivos por trás das práticas e justificativas e, cada capítulo é uma sequência direta do anterior. Esse conjunto de definições resulta em um material que demanda tempo e atenção do leitor para, então, realizar o procedimento.

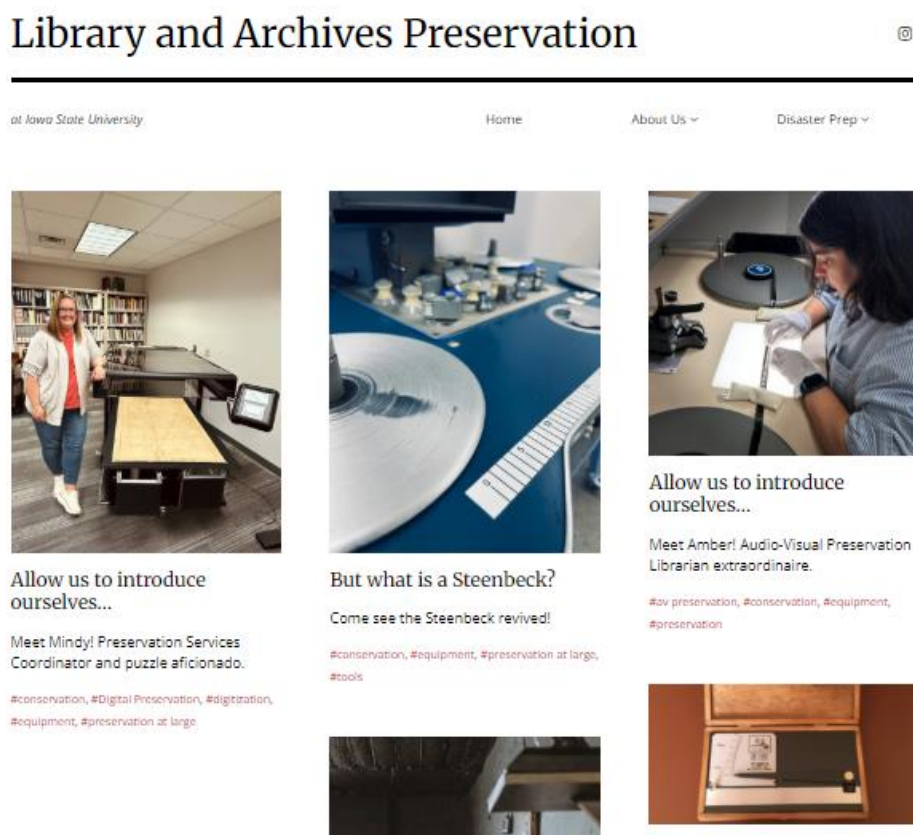
Do ponto de vista técnico, ambos defendem o uso de materiais compatíveis e reversíveis, como adesivos à base de PVA e de amido, porém o manual de Dartmouth apresenta maior especificidade na indicação de materiais e ferramentas, facilitando a adaptação dos procedimentos às realidades locais. Já BonaDea dedica longas partes à explicação teórica sobre os materiais; mas, frequentemente, deixa as proporções e tempos de secagem de forma implícita, o que pode levar à execução incorreta ou

inconsistente dos reparos. Trata-se, portanto, de um manual relevante enquanto marco de sistematização de práticas, mas limitado em sua função didática e operacional.

3.1.4 Library and Archives Preservation, Iowa State University Library

Diferente dos manuais já caracterizados, a *Iowa State University* não possui um documento oficial, e sim um *site* que funciona como um repositório de práticas. O *site Library and Archives Preservation* do Departamento de Preservação cumpre um papel de documentar procedimentos, decisões técnicas e resultados em contexto de laboratório universitário.

Figura 15 - *Library and Archives Preservation, Iowa State University Library*



Fonte: IOWA STATE UNIVERSITY LIBRARY, 2010-2024

Atualmente, funciona como acervo de referência dos *posts* publicados entre 2010 e 2024. A página institucional da biblioteca refere o *blog* como uma forma para conhecer o trabalho realizado, combinando os tratamentos utilizados e a difusão de seus procedimentos. A página “*About*” descreve o departamento, que integra preservação de livros e papel, preservação de audiovisual e digital e é composto por um laboratório de aproximadamente 300 m², inaugurado em 1995.

Os processos são descritos com fotografias, mostrando as etapas de intervenção, organizações de mesas, materiais e ferramentas. Abrange desde intervenções de encadernação simples, confecção de caixas de acondicionamento, até tratamentos emergenciais.

O *site* também apresenta séries temáticas como o “*1091 Project*”, sobre caixas e soluções de acondicionamento, reflexões técnicas sobre os estilos de caixas, com análise de custo de material, espaço utilizado e padronização interna do laboratório; discute a prática de documentar o antes, durante e depois; possui uma edição dedicada ao tratamento de mofo, fontes de contaminação e protocolos de resposta, utilizando passo a passo com imagens. Também possui sessões de resposta a desastres, com categoria própria e *posts* que combinam relatos, análise de risco e estabilização.

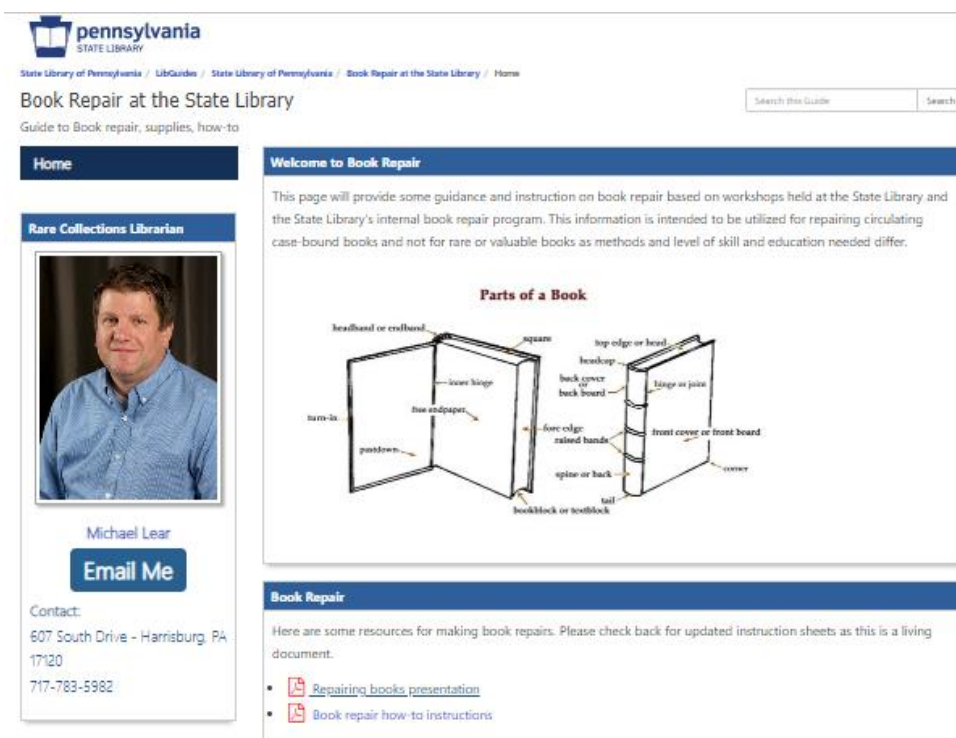
Esses registros funcionam quase como protocolos. Mesmo não tendo a forma de um manual, oferecem parâmetros, materiais sugeridos, passo a passo e advertências para a replicação em oficinas de pequenos reparos.

3.1.5 Book Repair at the State Library

O material “*Book Repair at the State Library*”, disponibilizado pela *State Library of Pennsylvania*, é composto por procedimentos de pequenos reparos ajustados ao cotidiano de bibliotecas públicas, com foco na circulação, na economia e na segurança de manuseio. O texto explica que deriva de oficinas práticas promovidas pelo *Bureau of Library Development* e, por isso, organiza orientações, listas de materiais essenciais e triagem para identificar o que é reparável na biblioteca, o que deve ser apenas estabilizado por meio de acondicionamento e o que deve ser enviado para

encadernação comercial ou restauração especializada. Trata-se, portanto, de um guia de capacitação voltado a equipes de serviço público estadual.

Figura 16 – Site sobre pequenos reparos da *State Library of Pennsylvania*



Fonte: STATE LIBRARY OF PENNSYLVANIA, 2025.

Os procedimentos incluem reparo de rasgos, inserção de folhas soltas, reparo de charneira, consolidação de cantos, reforço de capa dura, consolidação de lombada, realização de caixa quatro abas e secagem de livros molhados.

Os manuais apresentam descrições detalhadas dos materiais recomendados, incluindo adesivos, papéis japoneses e alcalinos, além de outros insumos arquivísticos destinados aos procedimentos de reparo. As etapas operacionais são expostas em formato de tópicos, com ênfase no controle da aplicação dos adesivos, na orientação correta das fibras e na prensagem leve, de modo a preservar a funcionalidade e a integridade estrutural do livro. Trata-se de um guia atualizado,

revisado em 2025, atualmente utilizado pelas bibliotecas públicas do estado como referência para práticas de conservação e pequenos reparos.

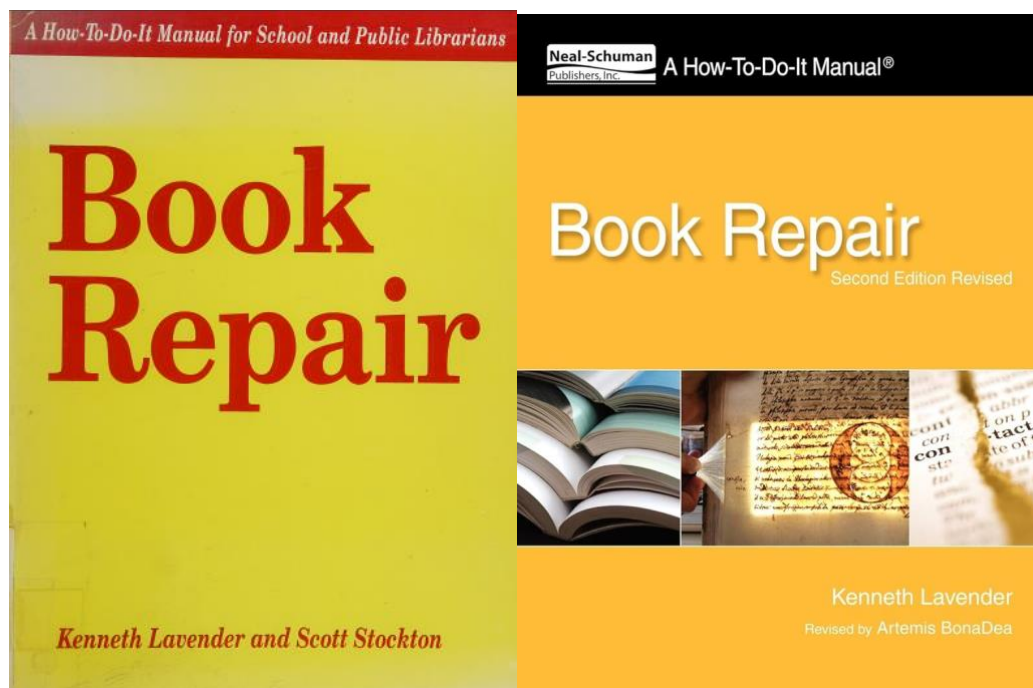
Ao comparar o manual *“Book Repair at the State Library”* com os manuais de bibliotecas universitárias, observa-se uma divergência no propósito. O guia da *State Library* atua como uma síntese das práticas ensinadas pelas oficinas do *Bureau of Library Development*, e como forma de esquematizar e facilitar o acesso para outros bibliotecários. É estruturado para responder as necessidades cotidianas de circulação em bibliotecas públicas e, por isso, possui um repertório menor, focado em decisões de triagem e soluções rápidas e econômicas. Enquanto os manuais universitários são utilizados para o treinamento formal e consulta pontual. Possuem uma estrutura bem definida e padronizada, com uma separação clara entre os procedimentos, listas de suprimentos e sequências de passo a passo.

Nos manuais universitários, os materiais são mais numerosos e com usos específicos, pois entende-se que a oficina de preservação possui recursos e infraestrutura para sua aquisição. As bibliotecas universitárias possuem oficinas internas mais estáveis e que, muitas vezes, servem de referência para outras instituições, como é o caso de universidades que adotam e citam Dartmouth como referência. Por outro lado, entendendo as limitações das bibliotecas estaduais, o guia apresenta uma lista de materiais básicos para a realização de pequenos reparos, mesmo que de forma restrita. Essa lógica é coerente à realidade atual das bibliotecas estaduais norte-americanas.

3.1.6 Book Repair: How-To-Do-it Manual

A primeira edição publicada em 1992, da série *How-to-Do-It Manuals for School and Public Librarians*, declara no prefácio que seu público-alvo são bibliotecas pequenas ou com recursos limitados. O livro foi pensado para contextos em que a reposição não é sempre possível, para que esse acervo seja estabilizado e possa aumentar sua vida útil.

Figuras 17 e 18 – *How-To-Do-it Manual*, edições de 1992 e 2001



Fonte: LAVENDER, STOCKTON, 2001; LAVENDER, 2011

Os livros são divididos em cinco capítulos. O primeiro se concentra em diretrizes de organização da área de trabalho, luz e materiais, ferramentas e equipamentos; segundo em limpeza de papel; o terceiro explica como realizar reparos em rasgos, uso de colas e adesivos, fitas e papel japonês; o quarto capítulo se concentra em reparos de charneira e lombada; e o último capítulo foca em formas de armazenamento, com jaquetas de poliéster, caixas e envelopes. Todos os procedimentos são acompanhados por listas de materiais, sequência de passo a passo com ilustrações, e leituras adicionais.

Assim como os manuais anteriores, o livro apresenta os principais procedimentos de pequenos reparos, mas faz de forma mais extensa e explicativa, com um foco maior na tomada de decisão, fundamentos materiais e variações técnicas. O objetivo do livro é apresentar técnicas básicas de reparo dentro do contexto das decisões institucionais, levando em consideração o acervo, a equipe, o orçamento e as necessidades do objeto. Discute ainda soluções que podem ser aceitáveis e quais os

seus limites e consequências. O texto foca em justificar as escolhas, estabelecer critérios e situar alternativas, afastando o livro do formato de manual.

A segunda edição, de 2001, apresenta fundamentos mais robustos. Adiciona um capítulo sobre livros e papéis molhados; remoção de fungo, mostrando procedimentos voltados para realização na biblioteca e quando esses livros devem ser isolados e enviados para especialistas e adiciona o passo a passo da caixa Solander, no capítulo de invólucros. Essa edição possui revisões feitas por Artemis BonaDea, mesma autora do manual “*Conservation Book Repair: A Training Manual*”, de 1995.

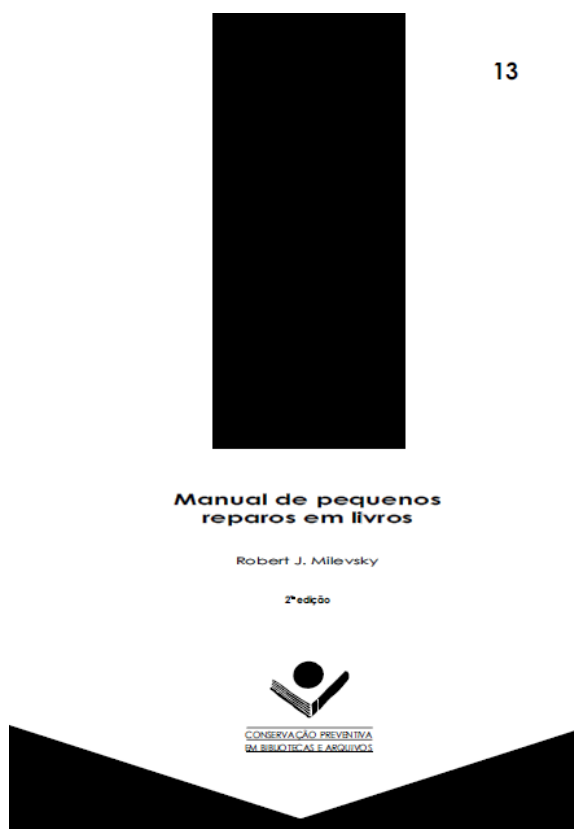
O livro é citado por algumas bibliotecas como referência para pequenos reparos. São elas: *Syracuse University*, o manual consta na *Preservation Research Guide* como obra de referência operacional para reparos e cuidados de coleção, Universidade do Texas, *Wake Forest University*, *University of Tennessee*.

3.2. LEVANTAMENTO NACIONAL (BRASILEIROS E TRADUÇÕES)

3.2.1 Manual de pequenos reparos em livros, Robert J. Molevsky

O Manual de pequenos reparos em livros, de Robert J. Milevski, foi traduzido para o português através do Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), com o objetivo de criar diretrizes padronizadas de preservação no Brasil. O CBPA era sediado no Arquivo Nacional e contou com o apoio técnico e financeiro de Vitae, Apoio à Cultura e Promoção Social e das organizações norte-americanas *The Andrew W. Mellon Foundation* e *The Commission on Preservation and Access*, a cooperação da Fundação Nacional de Arte-Funarte, da Fundação Getúlio Vargas e outras instituições do país.

Figura 19 – Manual de pequenos reparos em livros, Robert J. Milevsky



Fonte: MILEVSKY, 2001.

As primeiras publicações aconteceram em 1997 e a segunda edição em 2001, contando com manuais sobre gerenciamento ambiental das áreas de guarda, prevenção de riscos, salvamento de coleções, armazenamento, acondicionamento e outros, somando 53 textos. Os manuais foram publicados de forma gratuita e difundidos por meio de seminários e cursos.

O Manual de pequenos reparos em livros foi um dos primeiros manuais publicados em português e o primeiro com ampla difusão no país dedicado especificamente a reparos simples em contexto de bibliotecas no Brasil. Apresenta intervenções padronizadas, passo a passo, com foco em danos recorrentes, como rasgos, charneira rompida, folhas soltas e confecção de invólucros simples.

O manual é dividido em três partes, a parte 1 explica como os livros de capa dura são montados, com ilustrações do corpo do livro e capa, terminologias e os problemas do livro. No “capítulo 1B”, há explicações sobre os danos frequentes decorrentes do uso

intensivo, de encadernações frágeis e de condições ambientais inadequadas, e justifica os pequenos reparos como medida preventiva para manter a circulação do acervo. Essa seção traz cinco principais problemas com algumas variações, corpo do livro rompido, charneiras soltas sem guardas rasgadas; charneiras soltas com guardas rasgadas; capa separada do corpo; lombada rasgada ou danificada. Cada dano é ilustrado por esquemas e remetem às seções de procedimento nas partes 2 e 3.

A parte 2 descreve os procedimentos, com lista de materiais, preparo e passo a passo ilustrado. O primeiro procedimento é a fixação de charneiras e de substituições de folhas de guardas, utilizando cola PVA. O texto explica que a fixação evita danos maiores e pode ser feita “em menos de cinco minutos”. O passo a passo combina texto e ilustrações esquemáticas, com representações das ferramentas, áreas e colagem e forma de aplicação. Em seguida, traz procedimentos de reencadernação quando o corpo do livro está solto da capa, substituição da lombada com encadernação embutida e colagem da lombada original ao revestimento, inserção de folhas soltas e caderno solto.

A parte 3 explica por que encadernações de capa solta estão sujeitas a danos mais frequentes, diferenciando dois tipos: encadernação de folhas soltas e cadernos costurados. Em seguida, apresenta os reparos de acordo com os danos, como corpo rompido, lombada sem revestimento e charneiras frouxas.

Após os procedimentos, o manual apresenta um glossário e o autor explica que muitos dos termos utilizados não são padronizados, por isso alguns dos procedimentos possuem diferentes nomenclaturas e há casos em que um mesmo termo pode ter significados e conotações totalmente diferentes de acordo com a atividade.

Em relação a preparação de adesivos e colas, o manual enfatiza o uso de PVA para colagens estruturais e o uso de papel japonês com metilcelulose para enxertos e reforços. Há uma seção específica para o preparo de metilcelulose, misturas de PVA e metilcelulose, com observações sobre consistência e rediluição. O texto também traz orientações de quando usar a mistura para facilitar a distribuição de PVA sobre papéis e permitir descolagem, quando necessário.

Apesar da datação do manual, o conteúdo permanece relativamente atual para a rotina de bibliotecas universitárias, sobretudo pelos danos frequentes permanecerem

os mesmos dos descritos. O vocabulário, por outro lado, foi sendo atualizado e muitas terminologias utilizadas não condizem com o uso atual. Em relação as ilustrações, são boas representações para orientar as etapas, os pontos de colagem, corte e vincos, porém ajudam menos quando representam ferramentas e materiais. Com a modernização e as atualizações na forma de aprendizado, surge a necessidade de sequências fotográficas do passo a passo e dos detalhes.

Ademais, o manual não foi escrito por um autor brasileiro. A tradução, à época, viabilizou o acesso às técnicas de pequenos reparos e, pelo sucesso do projeto, contribuiu para a padronização mínima de procedimentos nas bibliotecas do país. Todavia, passadas mais de duas décadas, preocupa que um texto estrangeiro, traduzido, permaneça como referência principal, apesar de um cenário de prática que atualizou e se diversificou nas bibliotecas brasileiras. Manuais escritos por conservadores-restauradores brasileiros seriam capazes de incorporar especificidades do país e às novas realidades, adaptando a condições ambientais e de guarda, disponibilidade de materiais no mercado nacional, limitações financeiras e rotinas das bibliotecas.

3.2.2 Manual da Biblioteca Nacional

O manual “A Conservação de Acervos Bibliográficos & Documentais”, publicado em 1997 pela Fundação Biblioteca Nacional e escrito por Jayme Spinelli Júnior, constitui o primeiro volume da série “Documentos Técnicos” da instituição. O objetivo desse documento não é ser um manual de pequenos reparos para bibliotecas; mas sim, um manual institucional utilizado pela Biblioteca Nacional. Por isso, descreve práticas que pressupõem infraestrutura especializada e atuação de conservadores, como fumigação em câmaras herméticas, velaturas em documentos frágeis e acondicionamento de fotografias.

Figura 20 - Manual técnico disponibilizado pelo Ministério da Cultura Fundação Biblioteca Nacional

 MINISTÉRIO DA CULTURA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL DEPARTAMENTO DE PROCESSOS TÉCNICOS	SUMÁRIO
A CONSERVAÇÃO DE ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS & DOCUMENTAIS	Introdução 11
POR JAYME SPINELLI JÚNIOR	1 A conservação 13
RIO DE JANEIRO 1997	2 Área de trabalho 21
	3 Agentes de deterioração 25
	4 Desastres em bibliotecas 37
	5 Métodos de conservação 39
	6 A política de conservação e o acondicionamento do acervo fotográfico 59
	7 Glossário 77
	8 Bibliografia 79
	9 Anexos 81

Fonte: SPINELLI JÚNIOR, 1997.

O manual se divide em capítulos, com uma introdução sobre a importância da conservação e a justificativa para a elaboração do texto. Em seguida, apresenta os fundamentos da conservação, a organização da área de trabalho, os agentes de deterioração, a prevenção e as respostas para desastres, os métodos de conservação e, por fim, as diretrizes de reparos e o acondicionamento de acervos fotográficos. O documento possui um glossário, bibliografia e anexos no final, que funcionam de apoio às orientações.

Os capítulos iniciais apresentam os conceitos da conservação, discutindo a durabilidade dos materiais e a importância de políticas preventivas. O autor descreve a infraestrutura adequada para a execução de atividades de conservação, incluindo recomendações sobre iluminação, ventilação, organização do espaço e condições ambientais. O capítulo três é dedicado aos agentes de deterioração, como umidade,

temperatura, poluição, insetos e fungos, e os procedimentos de prevenção e controle desses fatores. O capítulo quatro traz orientações para o enfrentamento de desastres, como inundações e incêndios, destacando a necessidade de planejamento prévio e resposta rápida.

Os procedimentos de pequenos reparos estão descritos no capítulo cinco, acompanhados por ilustrações esquemáticas e fotografias em preto e branco. O manual traz instruções sobre limpeza a seco de documentos, indicando o uso de pó de borracha e gaze, seguido de procedimentos de reparo de rasgos com aplicação de tiras de papel japonês com metilcelulose e enxertos. O texto enfatiza a importância da compatibilidade entre os materiais e da reversibilidade dos procedimentos. No tratamento de obras encadernadas, o manual descreve intervenções simples, como a substituição da lombada deteriorada por uma encadernação embutida.

Na parte final, são apresentados os critérios adotados pela Biblioteca Nacional na elaboração de sua política de preservação, incluindo estudos sobre materiais de acondicionamento e diretrizes para o uso e a reprodução dos documentos.

3.2.3 Notas de Biblioteca: Pequenos Reparos em material bibliográfico, Governo de São Paulo

O manual “Pequenos reparos em material bibliográfico” é voltado para bibliotecas públicas e universitárias, que precisam realizar pequenos reparos em livros de acervo corrente, principalmente, com intervenções simples, de baixo custo e feitos por pessoas sem formação específica. Na introdução do manual, a autora explica que o texto resulta de oficinas e cursos com acervo corrente, destinado “a funcionários das bibliotecas, desde bibliotecários, técnicos, até os auxiliares, que não precisam ter nenhum conhecimento prévio” (Antunes, 2010, p. 12).

Figura 21 – Manual de pequenos reparos do Governo do Estado de São Paulo



Fonte: ANTUNES, 2010.

Após a apresentação, o prefácio e a introdução, o manual organiza-se em quatro capítulos dedicados aos conceitos de preservação, conservação e restauração; às obras voltadas para pequenos reparos; às causas de deterioração dos acervos; e, por fim, a um glossário ilustrado que descreve as partes constituintes de um livro.

O quinto capítulo inicia-se com a seguinte advertência, redigida em caixa alta pela autora:

ESTA ORIENTAÇÃO NÃO TEM NENHUM COMPROMISSO COM A PRESERVAÇÃO DA OBRA; PORTANTO, NÃO SERÃO UTILIZADOS MATERIAIS ESPECÍFICOS PARA ESTE FIM, MAS AQUELES DE FÁCIL OBTENÇÃO EM LOJAS NÃO ESPECIALIZADAS. LEMBREM-SE DE QUE SÓ TRABALHAREMOS COM OBRAS DE ALTA ROTATIVIDADE E FACILMENTE OBTIDAS NO MERCADO (ANTUNES, 2010, p. 33).

Tal nota delimita claramente o escopo do manual, concebido como um guia prático voltado à execução de pequenos reparos em acervos correntes. Trata-se, portanto, de um material de caráter instrutivo, que não se propõe a constituir um manual de restauração. Os procedimentos descritos devem restringir-se a exemplares de alta rotatividade e fácil reposição, não sendo aplicáveis a obras raras ou especiais, as

quais demandam infraestrutura adequada, equipe técnica especializada e materiais de conservação específicos. Essa distinção é reafirmada na própria obra ao reservar uma seção sobre acondicionamento de obras raras e especiais, com especificação de materiais de qualidade arquivística.

Nos procedimentos descritos estão: reparo de capas, confecção de bolso em papel kraft, reforços com tecido de algodão (morim), recosturas parciais de cadernos, colagem de lombadas de brochuras, consolidação de rasgos com papel japonês e carboximetilcelulose (CMC) e recomposição de perdas por enxertos simples. Os passos a passo são escritos em forma de tópicos, acompanhados por fotografias do gesto técnico, do preparo dos materiais e do antes e depois.

A seção “Material” traz uma lista curta com os principais materiais e ferramentas necessários para realização dos pequenos reparos, como régua metálica, dobradeira, estiletes, espátulas, prensa; adesivos, como PVA e CMC, e materiais acessíveis, como papel mino, cartolina *duplex*, *colorset*, papéis neutros e tecido morim. Já no capítulo específico para o acondicionamento de obras raras e especiais, são recomendados materiais com qualidade arquivística (pH neutro ou alcalino, baixo teor de lignina, fibras longas).

Entre os manuais de reparo atualmente consultados no Brasil, esse é uma atualização bem-vinda, mais coerente com a realidade das bibliotecas brasileiras. O caderno declara que foi criado em resposta às necessidades das bibliotecas por orientações simples e reproduzíveis, com foco em prolongar a circulação de exemplares de uso corrente. Adota linguagem clara e inteligível, lista de insumos de baixo custo e ampla disponibilidade no mercado nacional, que corresponde às condições materiais e operacionais das bibliotecas. Além disso, a estrutura didática com sequências fotográficas dos procedimentos, e não apenas ilustrações esquematizadas, facilita a compreensão por equipes sem formação especializada, tornando o texto claro para uso cotidiano.

Em comparação direta ao manual de Milevski (2001), cuja versão original foi escrita em inglês e traduzida ao português, o manual paulista reflete de maneira mais fiel e atualizada à realidade das bibliotecas brasileiras. Embora o texto de Milevski (2001) seja um marco importante para as práticas de conservação no Brasil, é um texto mais

antigo, traduzido e apoiado em ilustrações esquemáticas e termos que não correspondem às práticas brasileiras contemporâneas.

3.4 Política de Desenvolvimento do Acervo Bibliográfico do Sistema De Bibliotecas da UFMG

Embora a Biblioteca da UFMG ainda não disponha de diretrizes específicas para os pequenos reparos, o documento que formaliza a política de desenvolvimento do acervo já oferece orientações diretas sobre essa prática na instituição. A *Política de Desenvolvimento do Acervo Bibliográfico do Sistema de Bibliotecas da UFMG* é um documento normativo, estabelecido em 2023, e atualizado a cada dois anos, com princípios, diretrizes e procedimentos para a formação, manutenção, preservação e atualização dos acervos bibliográficos das bibliotecas integrantes da universidade. Seu principal objetivo é assegurar que o desenvolvimento do acervo ocorra de forma planejada, coerente com as demandas acadêmicas e alinhada à missão institucional de promover o ensino, a pesquisa e a extensão.

A política prevê a elaboração de políticas setoriais de desenvolvimento de acervo, que devem respeitar as particularidades de cada área de conhecimento, mas se manter em concordância com as diretrizes gerais da BU. Essa estrutura descentralizada, e ao mesmo tempo integrada, busca equilibrar a autonomia das bibliotecas com a uniformidade técnica do sistema, garantindo que a gestão dos acervos reflita as especificidades pedagógicas e científicas de cada curso sem perder a coerência institucional.

Entre os eixos centrais do documento, destacam-se as orientações relativas à conservação do acervo corrente. Segundo a política, o acervo corrente é caracterizado como o conjunto de materiais de uso frequente, que deve permanecer em constante renovação para atender às atividades acadêmicas. Em contrapartida, o documento estabelece parâmetros para a identificação de obras raras e patrimoniais, determinando que livros publicados até 1950, ou que possuam características de valor histórico, não sejam submetidos a reparos de rotina nem ao empréstimo domiciliar, devendo ser encaminhados para a Divisão de Coleções Especiais ou para setores especializados de conservação e restauro.

No campo da preservação e conservação, a política introduz diretrizes voltadas à manutenção física do acervo, reconhecendo a necessidade de práticas preventivas e curativas. Ela prevê a criação de oficinas de pequenos reparos nas bibliotecas, destinadas à execução de intervenções simples, realizadas sob supervisão técnica e com o uso de materiais compatíveis e reversíveis. Ao mesmo tempo, o documento define os limites de atuação dessas oficinas, distinguindo claramente entre reparo, conservação e restauração, de modo a preservar o valor patrimonial das obras e assegurar o cumprimento dos princípios éticos da área.

A seção “Da conservação dos documentos correntes do SB/UFMG” (UFMG, 2023, p. 9) representa um avanço importante, visto que reconhece formalmente que a preservação física do acervo corrente faz parte da gestão do acervo, e não é um serviço eventual ou improvisado. Ao propor oficinas de pequenos reparos, estabelecer responsabilidades e definir procedimentos mínimos, a política rompe com a ideia de que a conservação só existe para o acervo histórico e raro, e integra a materialidade do livro à rotina de circulação. Esse é um ponto positivo e necessário, especialmente em bibliotecas universitárias, onde a alta demanda por empréstimo pressiona os exemplares até o limite do uso.

No entanto, alguns pontos dessa mesma seção poderiam ser revistos à luz de uma abordagem mais abrangente sobre a integração de volumes à coleção. A prática da encadernação, por exemplo, poderia ser tratada não apenas como um procedimento técnico isolado, mas como parte de uma política mais ampla que defina as condições e critérios de “entrada” ou incorporação física de exemplares ao acervo. Isso permitiria contextualizar a encadernação dentro de um conjunto de decisões sobre preservação, uso e identidade material das obras. Tal perspectiva vem sendo debatida em fóruns internacionais — como o encontro *Binding as Conservation: Practices, Evolution and Challenges for the future* (IFLA, 2023) — que destacam a necessidade de conciliar a durabilidade física com o respeito às características editoriais e históricas dos volumes. Assim, em vez de simplesmente recomendar a substituição por capa dura e o reaproveitamento da capa original, o documento poderia explicitar critérios técnicos e éticos que orientem essas decisões conforme a natureza e o valor de cada obra.

Ao transformar sistematicamente brochuras em encadernações rígidas, altera-se de forma significativa a mecânica do livro. A encadernação integra a própria estrutura funcional do volume enquanto objeto técnico (Utsch, 2021) e, portanto, não pode ser tratada como mero reforço físico. A substituição da brochura original por uma capa dura modifica o comportamento do exemplar durante o manuseio — altera o ângulo de abertura, reduz a flexibilidade da lombada e interfere na articulação das charneiras. Essas mudanças estruturais podem gerar tensões indevidas, levando, com o tempo, a rupturas em zonas de maior esforço, especialmente nas junções das capas, além de favorecer o descolamento das folhas iniciais e finais. Em contextos de uso intensivo, esse tipo de intervenção, ainda que bem-intencionada, pode comprometer a integridade do exemplar e reduzir sua longevidade, contrariando os princípios básicos da conservação preventiva.

Essa pode ser, naturalmente, uma prática institucionalizada, como se observa em bibliotecas de grande porte, a exemplo da Biblioteca Nacional da França (Vallas, 2023), onde a encadernação dos volumes, que chegam do mercado editorial em brochura, é adotada de forma sistemática no tratamento das coleções correntes. No entanto, trata-se de um procedimento inserido em um modelo técnico consolidado, que se articula com as políticas de depósito legal, tratamento físico e controle bibliográfico desde o momento de incorporação do volume ao acervo. Nesses contextos, a encadernação faz parte de uma cadeia de decisões que considera o tipo de publicação, sua frequência de uso e valor patrimonial, definindo padrões técnicos e responsabilidades claras entre os setores envolvidos. Assim, em uma política universitária, seria desejável que a prática fosse igualmente contextualizada, com diretrizes que assegurem coerência entre a intervenção material e a função informacional e histórica dos exemplares.

Outro aspecto que poderia ser revisto na política diz respeito ao tratamento dos materiais recomendados. Um exemplo é o uso de plástico vulcabrilho sobre a capa original, posteriormente colada em uma nova capa dura. Embora a intenção seja compreensível — preservar a imagem original do livro e aumentar sua resistência superficial —, essa solução resulta em uma laminação permanente e não reversível, que, com o tempo, pode tornar-se rígida e quebradiça. Do ponto de vista da conservação, revestimentos plásticos autoadesivos contínuos tendem a apresentar

envelhecimento desfavorável, manifestando amarelamento, encolhimento, enrugamento e a formação de bolhas de ar, que podem comprometer a aderência e danificar a superfície impressa da capa.

A política parte do reconhecimento de que as bibliotecas do sistema nem sempre contam com equipes formadas por conservadores-restauradores, e que muitos reparos acabam sendo realizados por profissionais sem formação específica na área. Nesse contexto, o documento poderia detalhar um pouco mais a importância de diretrizes voltadas à encadernação e aos pequenos reparos. Seria interessante que a política previsse a elaboração de um manual próprio da universidade, com orientações ilustradas, listas de materiais e ferramentas recomendadas. Um material desse tipo, adaptado à realidade das bibliotecas universitárias, poderia servir como guia prático e acessível, aproximando os princípios da conservação preventiva do trabalho cotidiano de manutenção dos acervos.

IV. ELEMENTOS PARA A ELABORAÇÃO DE UM PROTOCOLO DE PEQUENOS REPAROS PARA ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS CORRENTES: O CASO DA BIBLIOTECA CENTRAL

4.1. Bases e condições de elaboração do levantamento técnico

A elaboração de um protocolo de pequenos reparos em acervos bibliográficos é uma tarefa complexa, que envolve múltiplas esferas profissionais e institucionais — desde o planejamento técnico e a definição de responsabilidades até a integração entre setores de atendimento, processamento técnico e conservação. No contexto deste Trabalho de Conclusão de Curso, não se pretende propor um protocolo acabado, mas reunir elementos que possam subsidiar sua futura construção, com base na vivência prática acumulada na Oficina de Preservação da instituição ao longo do segundo semestre de 2025. Essa experiência foi enriquecida através do intercâmbio com a disciplina “Restauração de Livros e Documentos”, ministrada pela professora Ana Utsch, possibilitando o diálogo direto com a responsável pela oficina, Adriana Piquerotti, que cursou a disciplina, e a reflexão conjunta sobre os limites e potencialidades das intervenções em acervos correntes.

A reunião dos elementos aqui apresentados decorre diretamente da experiência de campo, buscando sistematizar observações e aprendizados obtidos na rotina da Oficina de Preservação da Biblioteca Central da UFMG. Parte-se, assim, das condições concretas de funcionamento da instituição, considerando o perfil de uso do acervo, a natureza dos materiais que o compõem e os tipos de danos mais recorrentes. O objetivo é identificar aspectos técnicos e operacionais que possam orientar, no futuro, a elaboração de um protocolo próprio de pequenos reparos, adequado à realidade da biblioteca, marcada por alto volume de circulação, diversidade de suportes gráficos e limitações de recursos humanos e materiais. Dessa forma, o conjunto de elementos reunidos pretende oferecer subsídios práticos e conceituais para integrar as ações de manutenção cotidiana aos princípios da conservação preventiva.

Foram acompanhadas as rotinas de triagem, encaminhamento e execução dos reparos realizados internamente, observando-se quais tipos de danos mais frequentemente motivavam a retirada de livros de circulação. Essa etapa possibilitou compreender as condições reais de trabalho, as limitações materiais e os recursos humanos disponíveis. Os livros que mais demandam reparos pertencem, em sua maioria, às áreas de Ciências Biológicas, Direito e Ciências Exatas. São volumes grandes e pesados, frequentemente compostos por papel couché ou papéis coloridos de alta gramatura, o que aumenta significativamente o peso total do corpo da obra e a tensão sobre as estruturas de encadernação.

Os principais danos observados nesse conjunto de obras incluem:

- Capas soltas ou descoladas, devido ao peso do volume e à fragilidade das colagens originais;
- Charneiras rompidas, decorrentes do peso do volume quando armazenado na posição vertical e da forma inadequada de retirada das prateleiras (frequentemente puxado pelas charneiras ou pela coifa), o que provoca o descolamento ou ruptura dessa região estrutural;
- Perda parcial ou total da lombada;
- Folhas rasgadas, especialmente nas primeiras e últimas páginas, consequência direta do esforço exercido pelas charneiras sobre as guardas;
- Costuras rompidas e cadernos soltos, frequentes em livros de grande espessura, que sofrem deformações mecânicas e sobrecarga do dorso.

A expectativa, neste estágio, não é ainda a formulação de protocolos, mas a realização de um mapeamento preliminar das tipologias de danos que incidem sobre os materiais do acervo, bem como a identificação das possibilidades de tratamento adequadas a cada caso. Esse levantamento visa estabelecer uma base empírica para a futura construção de diretrizes técnicas adaptadas à realidade da Biblioteca Central. Vale ressaltar que, a partir da vivência já iniciada ao longo do semestre e em acordo com a equipe e as práticas institucionais vigentes, algumas propostas de intervenção vêm sendo testadas na oficina, permitindo avaliar sua viabilidade técnica e seu potencial de aplicação no contexto dos acervos correntes.

O levantamento foi organizado em módulos temáticos, inspirados na estrutura de manuais técnicos de conservação, com o objetivo de sistematizar informações sobre materiais, técnicas e tipos de danos e, não ainda, de propor um protocolo definitivo. O primeiro módulo reúne um glossário ilustrado das partes do livro, dos materiais e das ferramentas, com o intuito de introduzir a terminologia técnica essencial ao trabalho de conservação e reparo. Em seguida, são apresentados exemplos de danos recorrentes observados no acervo da Biblioteca Central, cada um acompanhado de imagens de referência. Por fim, registram-se descrições sintéticas das técnicas tradicionalmente utilizadas para o tratamento de cada tipo de dano, organizadas em formato passo a passo ilustrado, como recurso didático e de documentação.

A seleção dos materiais observados e testados durante o levantamento foi orientada pela realidade institucional e pelas condições de acesso no mercado nacional. Privilegiaram-se materiais de pH neutro e estabilidade comprovada, como o papel japonês para reforços, o tecido de algodão (morim) para dorsos e charneiras, e o Tyvek – tradicionalmente empregado na confecção de bolsos e reforços de dorso – por suas propriedades de inércia química, resistência ao rasgo, leveza e flexibilidade. Esse conjunto de observações e experimentações constitui uma base empírica inicial, destinada a subsidiar a futura formulação de protocolos técnicos adequados à rotina e aos recursos da Biblioteca Central.

4.2 Testes realizados na BC

As atividades realizadas na Biblioteca Central da UFMG tiveram caráter experimental e formativo, com o propósito de avaliar soluções de baixo risco, baixo custo e alta reprodutibilidade para pequenos reparos nos acervos correntes. O objetivo era mitigar falhas estruturais recorrentes, observadas no cotidiano da BC e substituir insumos e práticas por alternativas compatíveis e de baixo custo. Os testes também consideraram a realidade da oficina, que possuía uma equipe com tempo limitado, orçamento restrito e necessidade de padronização simples.

Nesse contexto, foi proposto um bolso feito com Tyvek. Porém, diferente dos bolsos descritos na bibliografia convencional, Diná Araujo, bibliotecária e conservadora-restauradora, apresentou um bolso com abas que avançam para as guardas (descrito

na seção 4.7), que ajuda a distribuir as tensões na articulação capa–miolo, que, no uso intensivo, costumam concentrar-se nas charneiras. A escolha do Tyvek deve-se a suas propriedades de estabilidade química e alta resistência. Os livros que receberam o bolso indicaram ganho perceptível de estabilidade. A equipe também relatou facilidade em realizá-lo.

Também foi testada a substituição do papel Kraft comum por papel polén no reforço da lombada. O Kraft comercial tende a apresentar lignina e acidez, com escurecimento e fragilização a médio prazo, enquanto o polén mostrou melhor trabalhabilidade, acabamento mais neutro e menor risco de acidificação local quando utilizado com adesivos adequados. A troca busca reduzir a introdução de agentes potencialmente degradantes no interior da encadernação, além da redução dos custos, uma vez que o papel polén utilizado foi cedido pela Gráfica da UFMG, que concordou em continuar cedendo o material.

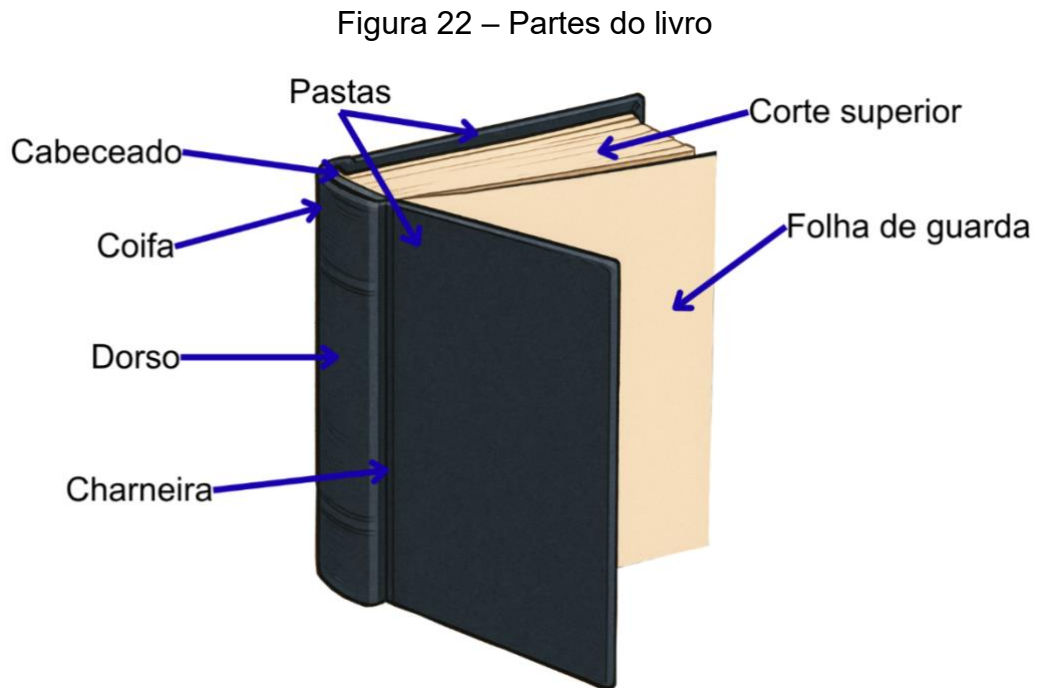
Outro teste realizado foi a substituição de *Filmoplast* por papel japonês pré-encolado com adesivo de amido. Observou-se que, anteriormente, em razão do alto custo, o *Filmoplast* era aplicado de forma parcial, não cobrindo toda a extensão dos rasgos. Com a adoção do papel japonês pré-encolado, tornou-se viável tratar integralmente os rasgos, além de uma solução economicamente mais acessível e tecnicamente adequada aos pequenos reparos.

Avaliou-se a substituição da CMC (carboximetilcelulose) por amido solúvel como adesivo de rotina para pequenos reparos. A comparação considerou trabalhabilidade e custo, observando-se que a CMC apresenta menor aderência quando comparada à pasta de amido solúvel. A CMC era empregada sobretudo em reparos de rasgos e em enxertos; contudo, a introdução do papel japonês pré-encolado com amido reduziu significativamente a necessidade de uso da CMC nessas tarefas. Ademais, o amido solúvel é de baixo custo, fácil aquisição e simples de ser preparado.

E por último, foram demonstradas costuras copta e costura cruzada como alternativas operacionais de reencadernação simples. As demonstrações tiveram finalidade de oferecer repertório técnico mínimo para que a equipe compreendesse a lógica construtiva da costura de livros e fosse capaz de reproduzir.

4.3 Glossário

4.3.1 Partes do livro



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.4 Materiais

4.4.1 Tyvek

Material sintético de fibras de polietileno de alta densidade, pH neutro, resistente ao rasgo e à umidade. Usado em revestimentos, envelopes e reforços estruturais por sua estabilidade e inércia química (Figura 23).

Figura 23 - Tyvek



Fonte: Casa do Restaurador

4.4.2 Papel polén

Papel amarelado, alcalino e não revestido, feito com fibras longas de celulose branqueada. Usado em miolos e guardas, porém não totalmente livre de lignina (Figura 24).

Figura 24 – Papel Polén



Fonte: DIPLOMATA

4.4.3 Papel Filifold

Papel de alta resistência e qualidade arquivística, feito com fibras longas e reserva alcalina. Usado em reforços de lombadas, charneiras e folhas danificadas (Figura 25).

Figura 25 - Papel Filifold

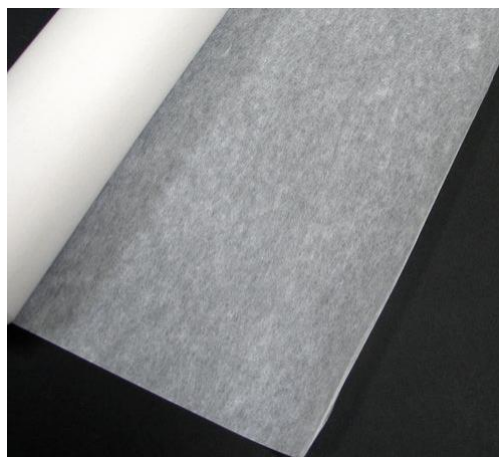


Fonte: Casa do Restaurador

4.4.4 Papel japonês

Papel artesanal de fibras vegetais longas (kozy, gampi ou mitsumata), fino, translúcido e resistente. Utilizado em reparos de rasgos e reforços delicados, por ser neutro e reversível (Figura 26).

Figura 26 – Papel japonês



Fonte: Casa do Restaurador

4.4.5 Acetato

Filme transparente de acetato de celulose, liso e inerte, usado para proteção temporária e suporte auxiliar em reparos. Sensível a calor e solventes (Figura 27).

Figura 27 – Acetato



Fonte: Diplomata

4.4.6 Tecido de algodão

Morim: tecido fino e neutro, feito de algodão, usado para reforçar lombadas e charneiras. Compatível com adesivos reversíveis e resistente ao manuseio (Figura 28).

Figura 28 – Tecido de algodão (morin)



Fonte: Casa Pinto Tecidos

4.5 Ferramentas

As principais ferramentas utilizadas (Figura 29) para pequenos reparos são:

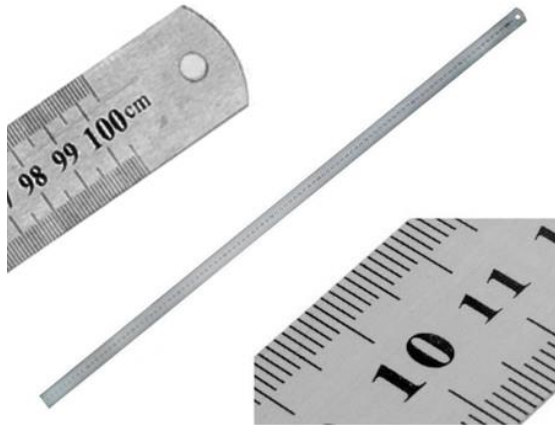
- Pinceis de cerdas duras
- Pinceis de cerdas macias
- Trinchas de tamanhos variados
- Dobradeira
- Estilete
- Faca de frutas com cabo de madeira
- Bisturis para lâminas 15 e 23
- Réguas de aço de tamanhos variados, 30cm, 60cm, 100cm (Figura 30)
- Base de corte (Figura 31)

Figura 29 – Ferramentas



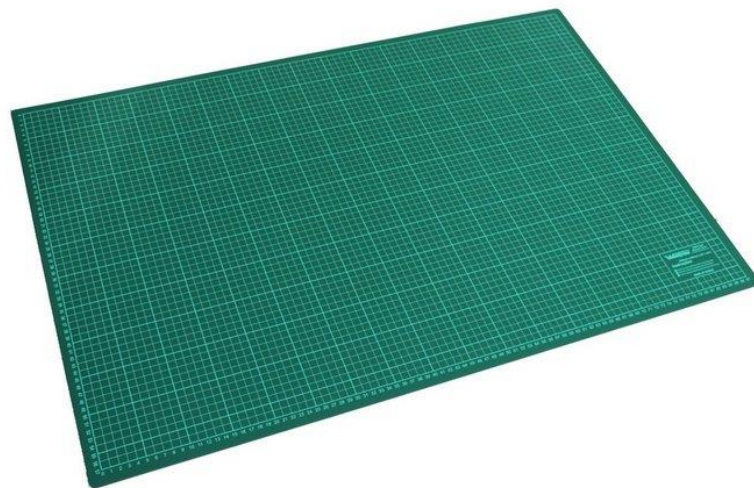
Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Figura 30 – Régua de aço



Fonte: Casa do Restaurador

Figura 31 – Base de corte tamanho A1



Fonte: Casa do restaurador

4.6 Adesivos

4.6.1 Amido

Polissacarídeo extraído do milho, trigo ou arroz, utilizado como adesivo. É solúvel em água e forma uma película flexível, sendo empregado em colagem temporária ou final, reparos de rasgos e reforço de capas (Figuras 32 e 33).

Figuras 32 e 33 - Amido Solúvel e amido puro



Fonte: LaderQuímica e Casa do Restaurador

4.6.2 Carboximetilcelulose (CMC)

Derivado de celulose com alta solubilidade em água, usado como adesivo e aglutinante em restauração de papel. Não aconselhável para reparos de livros, uma vez que tem baixa estabilidade de cor, e torna-se ácido com o passar do tempo (Figura 34).

Figura 34 – CMC



Fonte: Casa do Restaurador

4.6.3 Acetato de polivinila (PVA)

Adesivo sintético branco, à base de polímeros de vinil, resistente e flexível após a secagem. Muito utilizada em encadernação e reparos permanentes de miolos e capas, por sua aderência forte e compatibilidade com papel e papelão (Figuras 35 e 36). Não aconselhável no reparo de livros por sua acidificação a longo prazo e amarelecimento.

Figuras 35 e 36 – Cola PVA comercial e neutra



Fonte: Kalunga, Casa do restaurador

4.6.4 Metilcelulose

Derivado de celulose com solubilidade em água, empregado como adesivo reversível e agente de limpeza de papel (Figura 37). Forma películas transparentes e flexíveis, sendo indicada para consolidação de rasgos, reforço de papéis frágeis e remoção de sujeira superficial.

Figura 37 – Metilcelulose



Fonte: Casa do Restaurador

4.6.5 Tylose (hidroxietilcelulose)

Polímero solúvel em água usado como adesivo, consolidante e regulador de viscosidade em restauração (Figura 38). Possui propriedades de colagem reversível, estabilidade química e baixo odor, sendo útil em reparos de papéis, encadernações e suporte de documentos.

Figura 38 – Tylose



Fonte: Casa do Restaurador

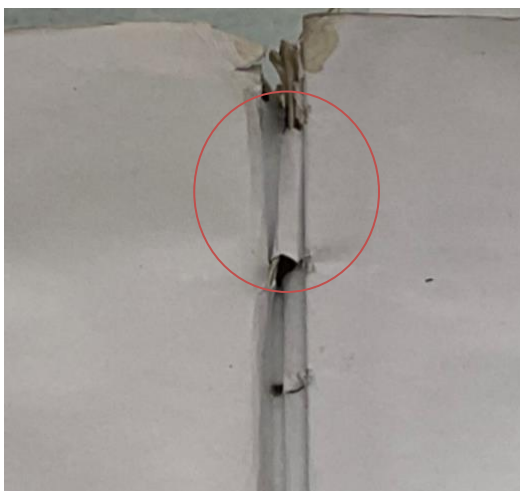
4.7 Tipologia de danos dos acervos da Biblioteca Central da UFMG

4.7.1 Rasgos

Os rasgos (Figura 39) correspondem a danos no papel, nas guardas, nas capas ou em outros componentes estruturais do livro. Essas deteriorações são geralmente decorrentes de manuseio inadequado, dobras recorrentes ou fragilidade intrínseca do suporte, associada a processos de envelhecimento, acidificação ou ataques biológicos.

Essas rupturas comprometem a integridade física e estética do exemplar, favorecendo a perda progressiva de fragmentos e a ampliação dos danos. O tratamento requer intervenções localizadas e reversíveis, por meio de recomposição das áreas afetadas com papel japonês e adesivos, respeitando a textura, a espessura e a tonalidade originais do suporte.

Figura 39 – Rasgo



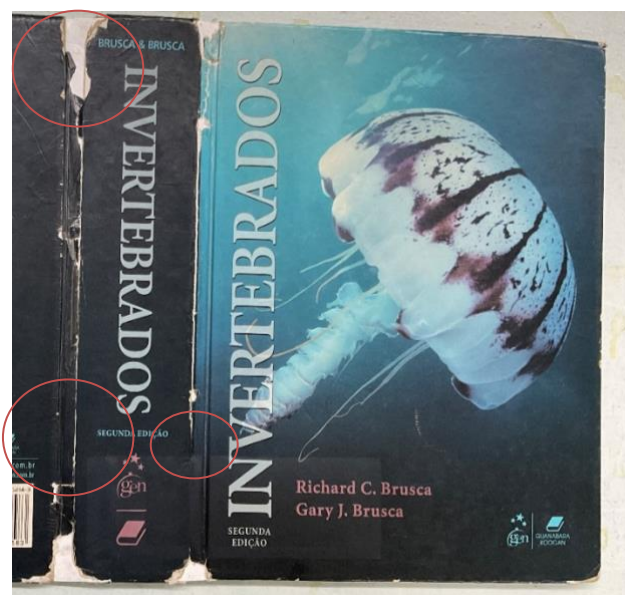
Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.7.2 Perda de suporte

A perda de suporte (Figura 40) caracteriza-se pela ausência de partes do papel, das capas ou de elementos estruturais, resultante de rasgos extensos, recortes intencionais, ataques de insetos ou degradação físico-química do material.

Esse tipo de dano acarreta redução da área de sustentação e pode comprometer a legibilidade e a estabilidade do objeto, além de favorecer a evolução de novas rupturas. O tratamento requer enxertos com papéis japoneses compatíveis em cor, gramatura, visando restabelecer funcionalidade do exemplar.

Figura 40 – Perda de suporte



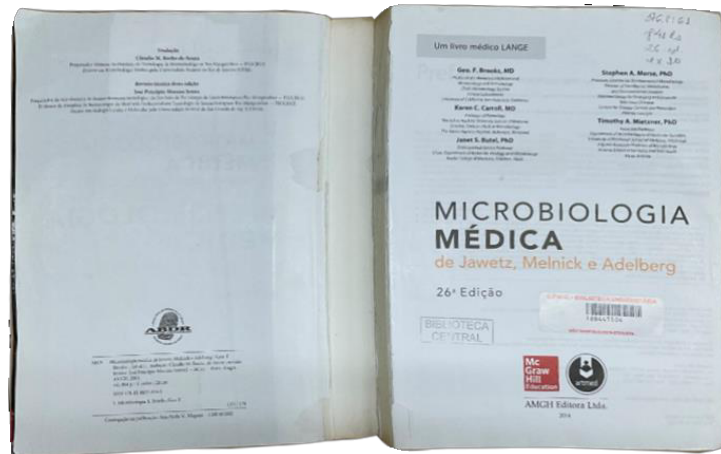
Fonte: Bárbara Aguiar, 2025.

4.7.3 Capa solta

A condição de capa solta (Figura 41) ocorre quando uma ou ambas as pastas se desprendem parcial ou totalmente do miolo, em razão do rompimento das charneiras, da degradação do material de encadernação ou da falha de adesão entre os elementos estruturais.

Essa ocorrência compromete a função protetora e a estabilidade mecânica do livro, expondo o miolo a esforços indevidos e a agentes de degradação externos. O tratamento indicado consiste na reintegração estrutural das pastas ao corpo do livro, mediante o reforço das charneiras internas e externas com tiras de papel japonês, aplicados com adesivos, de modo a preservar a flexibilidade de abertura.

Figura 41 – Capa solta



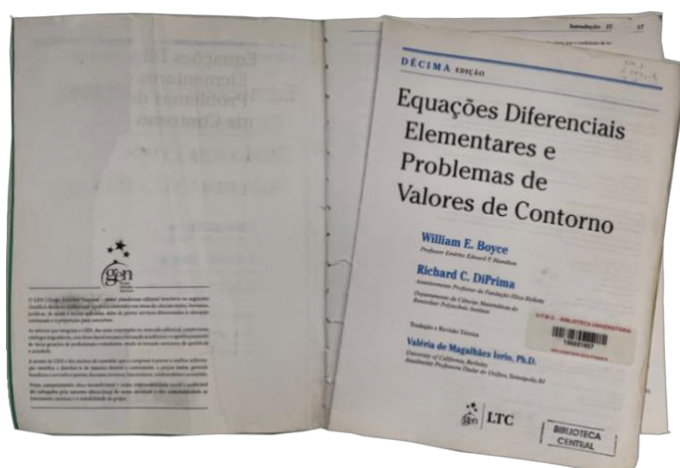
Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.7.4 Cadernos ou folhas soltas

Cadernos ou folhas soltas (Figura 42) são situações em que páginas isoladas ou conjuntos de cadernos se desprendem da costura original, seja por rompimento de fios, falhas adesivas ou desgaste resultante do uso intensivo.

A perda de coesão entre os cadernos compromete a leitura contínua, a estabilidade estrutural e a sequência documental da obra. O tratamento deve buscar a reintegração do conjunto ao bloco do miolo, por meio da reencolagem das folhas ou recostura parcial.

Figura 42 – Caderno solto



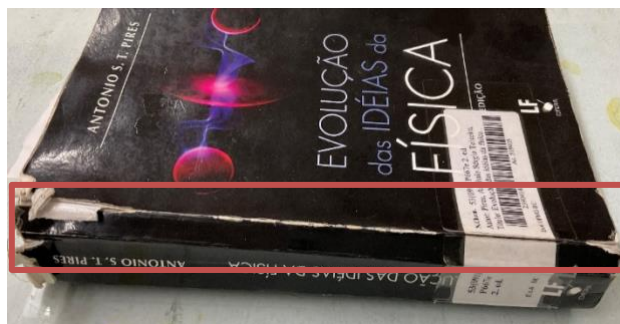
Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.7.5 Charneira rompida

A charneira constitui o ponto de articulação entre a capa e a lombada, responsável pelo movimento de abertura e fechamento do livro. O rompimento da charneira (Figura 43) decorre de flexões repetidas, enfraquecimento do material de suporte, descolamento adesivo ou combinação de desgaste físico e degradação química dos componentes estruturais.

Visualmente, observa-se a separação parcial ou total entre capa e lombada, o que acarreta perda da sustentação das pastas e comprometimento da função protetora da encadernação. O procedimento de reparo deve priorizar o reforço da articulação, com a aplicação de tiras de papel japonês nas charneiras internas e externas, garantindo resistência e flexibilidade adequadas.

Figura 43 – Charneira rompida



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.7.6 Perda da lombada

A perda da lombada (Figura 44) consiste na ausência total ou parcial do revestimento do dorso, deixando exposta a costura e, em alguns casos, a própria estrutura dos cadernos. Esse tipo de deterioração é frequentemente associado a impactos mecânicos, ressecamento do adesivo, abrasão por atrito ou degradação natural do material de revestimento.

A ausência do revestimento compromete a proteção mecânica e ambiental da obra, tornando o miolo suscetível a deformações e contaminações. O tratamento indicado é a reintegração da lombada com material compatível, mantendo a estrutura original e, quando possível, preservando fragmentos remanescentes do revestimento original.

Figura 44 – Perda da lombada



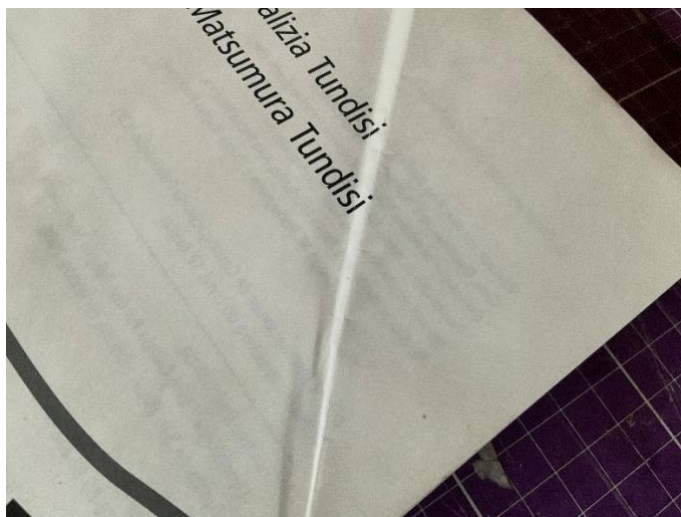
Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.7.7 Dobras

As dobras (Figura 45) correspondem a vincos ou deformações permanentes nas folhas, guardas ou capas, ocasionadas por armazenamento inadequado, pressão mecânica prolongada, umidade relativa excessiva ou manuseio descuidado.

Além de afetar o aspecto estético, as dobras podem provocar microfissuras nas fibras do papel, predispondo o suporte à ruptura. O tratamento deve contemplar alisamento controlado mediante umidificação indireta e prensagem leve, preservando as características físicas originais do material e evitando a introdução de novas tensões no suporte.

Figura 45 – Dobras



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.7.8 Costura rompida

A costura rompida refere-se à danificação ou ruptura dos fios responsáveis pela união dos cadernos que compõem o miolo. Ocorre, em geral, em virtude de tensão excessiva, fragilidade das fibras do fio, ou pressões mecânicas indevidas durante o uso e o armazenamento.

Esse tipo de degradação pode causar deslocamento de cadernos, deformações na lombada e perda da coesão do volume. O tratamento requer reconstituição da costura

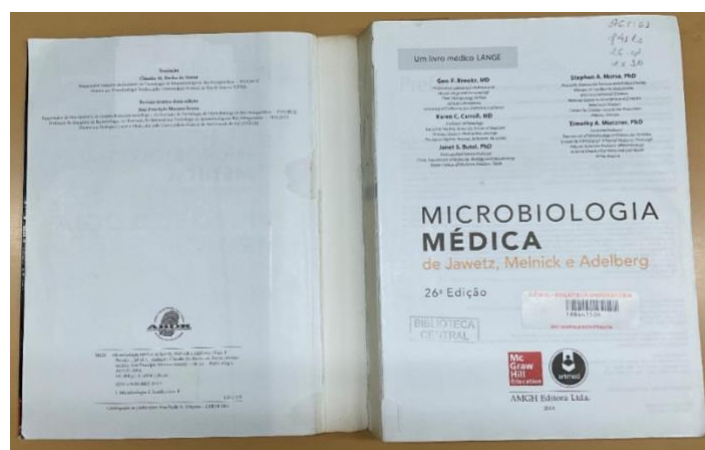
seguindo a original, com fios de boa resistência, associado à consolidação da lombada.

4.8 Tipologia de tratamentos

4.8.1 Consolidação das pastas ao corpo do livro (encadernação)

No processo de recolagem das pastas no miolo, recomenda-se a confecção de um bolso para ser colado entre a capa e a lombada. Esse recurso evita que a capa fique diretamente colada na lombada e é especialmente útil em livros muito grossos, ajudando a aumentar sua durabilidade.

Figura 46 – Livro com capa solta



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.8.1.1 Passo a passo

- Antes de iniciar a colagem das pastas, remova cuidadosamente qualquer resíduo de adesivo antigo do dorso do livro (Figuras 47, 48 e 49). Utilize uma faca pequena ou espátula.

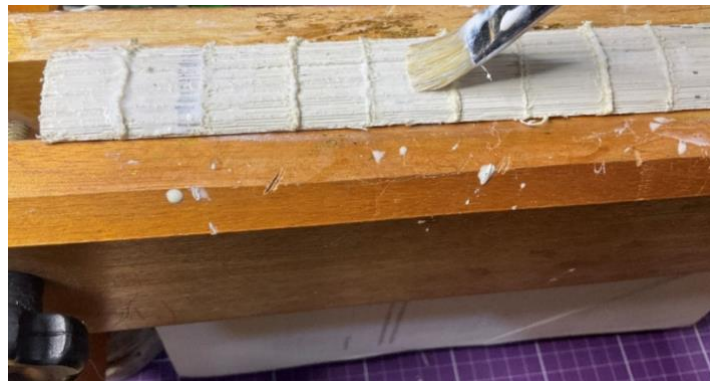
Figuras 47, 48 e 49 – Limpeza do dorso



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Com o auxílio de um pincel de cerdas duras, aplique cola PVA sobre toda a lombada (Figura 50) e deixe secar.

Figura 50 – Aplicação de cola PVA



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Realize os reparos necessários, principalmente nas páginas iniciais e finais do livro.
- Prepare uma folha de guarda com papel filifold, papel offset, com gramatura igual ou maior que 120g/m², um pouco maior que o miolo do livro.

- Cole a guarda apenas na primeira e na última folha do miolo (Figura 51), utilizando um fio de cola de aproximadamente 1,5 cm junto à lombada.

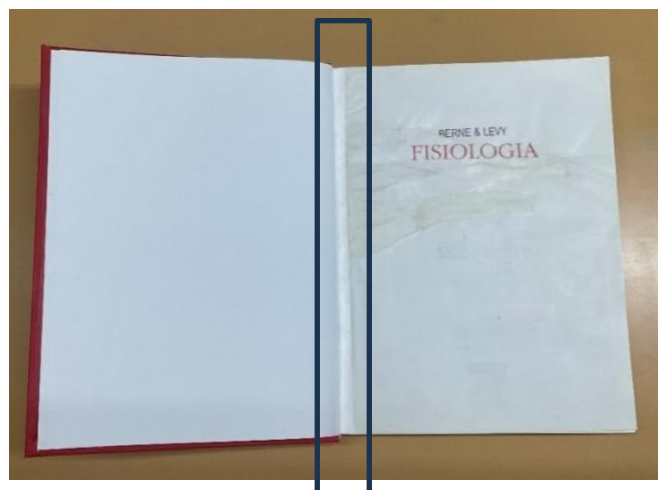
Figura 51 – Aplicação de cola



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Corte uma pequena tira de Tyvek, entre 1 e 1,5 cm e cole na folha de guarda e no miolo, como mostrado na Figura 52. Essa tira evitará que haja muita tensão entre a folha de guarda e o miolo do livro, evitando rasgos por tensão.

Figura 52 – Tira de Tyvek aplicado ao miolo e folha de guarda



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Corte uma tira de papel pólen com a altura igual à do livro e largura equivalente à lombada + 2/3 da largura da página (de modo que metade da tira fique sobre cada lado da lombada). Esta etapa fortalece o dorso e prepara a superfície para a colagem das pastas (Figuras 53 e 54).
- Verifique a integridade do cabeceado e, se necessário, troque por outro.

Figuras 53 e 54 – Aplicação de morim e papel polén

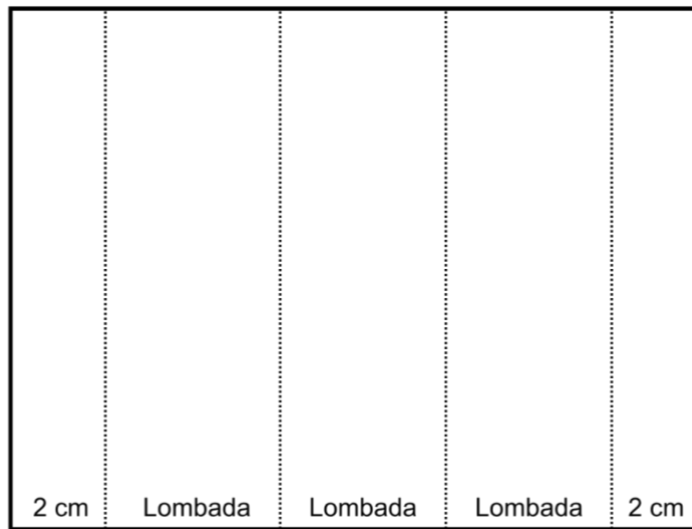


Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Confecção do bolso para consolidação da lombada

- a. Utilize Tyvek para livros grossos, grandes e pesados. Caso esse material não esteja disponível, utilize papel filifold 120g/m² ou polén.
- b. Corte uma tira de Tyvek com largura equivalente a três vezes a largura da lombada do livro, mais 2 ou 2,5 cm de cada lado, seguindo a Figura 55.

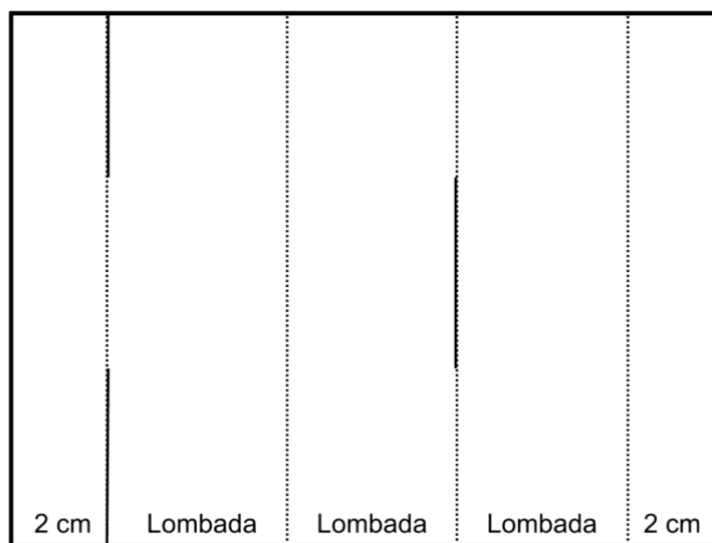
Figura 55 – Marcações para confecção do bolso



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

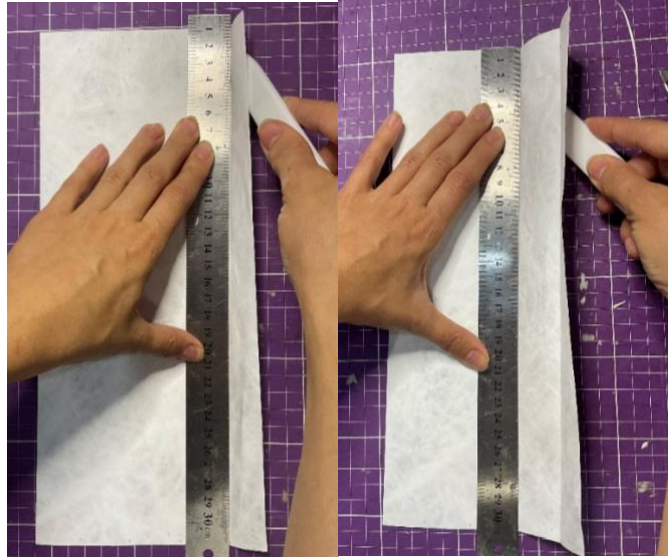
c. As linhas contínuas representam os locais onde o papel deve ser cortado (Figura 56). Faça os cortes verticais apenas nas extremidades (onde está marcado com o traço contínuo), criando duas abas laterais de 2 cm cada (Figura 57, 58, 59 e 60).

Figura 56 – Marcação dos locais de corte



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Figuras 57 e 58 – Marcação dos locais de dobra



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Figuras 59 e 60 – Corte nos locais indicados



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Passe as abas cortadas pelo corte feito entre as lombadas, como indicado pelas Figuras 61 e 62.

Figuras 61 e 62 – Tiras do Tyvek passando pelo local do corte



Fonte: Bárbara Aguiar

Após esse processo, seu bolso deve estar semelhante ao mostrado na Figura 63.

Figura 63 – Bolso confeccionado sem adesivo



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- e. Para evitar que as partes do bolso se colem, coloque uma tira de acetato entre as dobras (Figura 64).
- f. Aplique o adesivo em uma das partes dobradas e pressione levemente para fixar as camadas do papel, formando o bolso (Figura 65).
- g. Ao final do processo de colagem, o bolso deve estar segundo a figura. Mantenha o acetato.

Figuras 64 e 65 – Colagem do bolso



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Aplicação do bolso

- Aplique uma camada fina de adesivo na lombada do livro.
- Posicione o bolso sobre a lombada, colando-o com a parte dupla voltada para o miolo do livro.
- Pressione levemente até a secagem completa.
- Após a secagem, remova o acetato.

Pode-se aplicar um reforço na lombada do livro (Figuras 66 e 67), realizado antes ou após a colagem do papelão correspondente à sua estrutura. Esse reforço tem a função de consolidar a área e oferecer suporte adicional à charneira, contribuindo para a estabilidade e a durabilidade da encadernação. Idealmente, o reforço deve ser realizado com Tyvek.

Figuras 66 e 67 – Reforço na lombada



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Com o miolo já preparado, centralize o livro na estrutura da capa. Cole a lombada do miolo na parte correspondente da capa (Figura 68).

Figura 68 – Colagem do bolso a capa



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Aplique cola sobre as folhas de guarda (Figura 69), com folhas de papel de rascunho entre as guardas para evitar que resíduos de cola se espalhem. Aproveite esse momento para colar a beirada do Tyvek sobre a folha de guarda.
- Retire o excesso de cola com o auxílio de um papel de rascunho limpo.
- Substitua o papel utilizado por folhas novas e secas.

Figura 69 – Aplicação de cola PVA na folha de guarda



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Feche a capa cuidadosamente, deitando-a sobre o livro em um único movimento.
- Repita o mesmo procedimento para a guarda final. Ao final da colagem, as folhas de guarda deverão estar coladas como mostrado na Figura 70.

Figura 70 – Folhas de guarda coladas a pasta



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

- Com a dobradeira, reforce o vinco entre a capa e a lombada, garantindo boa aderência da guarda.
- Coloque o livro entre tábuas de madeira e papel mata borrão entre as folhas de guarda e leve-o à prensa (Figura 71).

Figura 71 – Livros na prensa para secagem



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Figura 72 – Abertura 180° do livro com o bolso



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.8.2 Consolidação de charneira fragilizada

O tratamento tem como objetivo restabelecer a articulação entre as partes do livro, garantindo estabilidade estrutural e flexibilidade. Para isso, recomenda-se a aplicação de tiras de papel japonês como reforço estrutural, que podem ser posicionadas tanto na face interna quanto na face externa da charneira, utilizando adesivos reversíveis à base de amido.

4.8.2.1 Passo a passo

Em casos de charneiras fragilizadas, recomenda-se aplicar tiras de papel japonês como reforço estrutural. Para isso, corte uma tira de papel japonês com aproximadamente 1 cm de largura e comprimento ligeiramente superior à altura do livro, de modo a permitir ajustes durante o posicionamento. Coloque a tira sobre uma placa de vidro ou superfície antiaderente e aplique uma camada uniforme de adesivo à base de amido com o auxílio de um pincel macio (Figura 73).

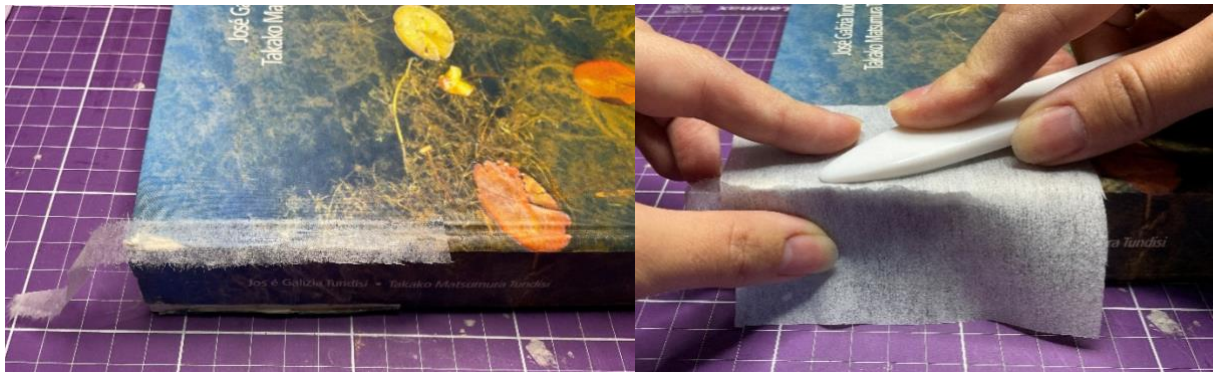
Figura 73 – Aplicação de adesivo de amido no papel japonês



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Em seguida, posicione a tira sobre a charneira, centralizando-a cuidadosamente na área de junção entre a capa e o miolo, e fixe-a com o apoio da entretela e de uma dobradeira, garantindo boa aderência e eliminação de bolhas de ar (Figuras 74 e 75).

Figuras 74 e 75 – Aplicação da tira de papel japonês sobre a charneira fragilizada



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Por fim, rasgue manualmente as bordas excedentes do papel, criando uma transição suave e discreta entre a área reparada e o suporte original. Caso alguma parte da tira não esteja completamente aderida, pode-se aplicar uma camada adicional de adesivo, com moderação.

4.8.3 Remendos

O tratamento tem como objetivo restituir a continuidade física do suporte, promovendo a união das partes rasgadas e garantindo a estabilidade mecânica. O procedimento envolve a colagem das partes delaminadas ou, quando necessário, o reforço com papel japonês de baixa gramatura, aplicado com adesivos reversíveis à base de amido.

4.8.3.1 Passo a passo

Quando há campo de delaminação suficiente, aplique o adesivo diretamente na área ao redor do rasgo (Figura 76), de modo a promover a colagem entre as partes originais do suporte. Posicione corretamente a folha para unir as partes.

Em seguida, aplique o adesivo no campo de delaminação e proceda à fixação com a entretela, utilizando a dobradeira para assegurar aderência homogênea e evitar a formação de bolhas de ar.

Figura 76 – Aplicação de adesivo na área delaminada



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Quando o suporte apresentar fragilidade ou necessidade de reforço adicional, aplique o adesivo diretamente sobre o papel japonês (Figura 77) e posicione-o sobre o documento, garantindo o alinhamento correto das fibras e a compatibilidade visual com o suporte original (Figuras 78 e 79).

Figura 77 – Aplicação de adesivo sobre papel japonês



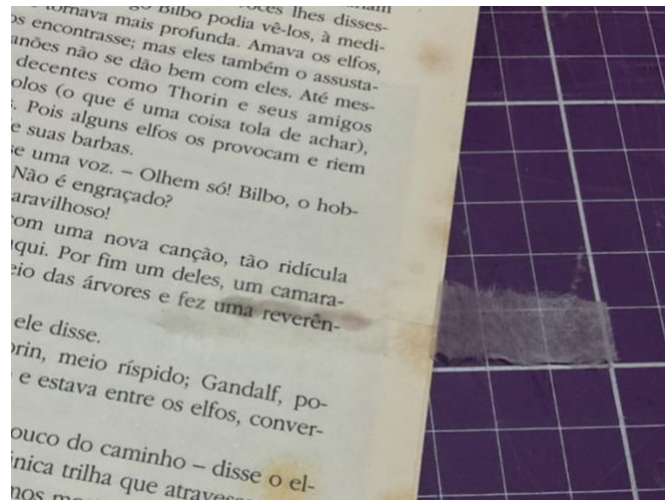
Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Figura 78 – Colagem de papel japonês sobre o rasgo



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Figura 79 – Papel japonês aplicado sobre o rasgo



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

4.8.4 Consolidação de costura rompida

O tratamento tem como objetivo restabelecer a continuidade da costura, devolvendo estabilidade ao miolo e garantindo a preservação da estrutura original. Para tanto, recomenda-se identificar e registrar o tipo de costura original, de modo a respeitar o padrão técnico durante a intervenção.

4.8.4.1 Passo a passo

Identifique o tipo de costura original e registre seu padrão para eventual reconstituição.

Selecione fios de algodão ou linho neutros, de espessura semelhante à original.

Remova cuidadosamente resíduos de adesivos antigos ou fragmentos soltos da costura e limpe a área do dorso (Figura 80).

Figura 80 – Remoção da costura e limpeza do dorso



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Reúna os cadernos soltos na ordem original e alinhe cuidadosamente as dobras.

Insira a agulha nos furos originais da costura, reaproveitando os orifícios existentes para evitar perda de material.

Costure novamente os cadernos, mantendo a tensão uniforme do fio e respeitando o padrão original de encadernação (Figuras 81, 82 e 83).

Figuras 81, 82 e 83 – Processo de costura copta



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

Amarre firmemente as extremidades do fio com nó duplo e aplane o dorso com a dobradeira, garantindo regularidade (Figura 84).

Figura 84 – Costura copta finalizada



Fonte: Bárbara Aguiar, 2025

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas desenvolvidas neste Trabalho de Conclusão de Curso partiram do reconhecimento de que a preservação do acervo corrente não pode ser tratada como um campo a parte da conservação e restauração. Ao debater o lugar dos pequenos reparos, nesse contexto, o trabalho sugere que conservadores e restauradores não devem se restringir ao cuidado de coleções patrimoniais, mas atuar também sobre os acervos correntes, reconhecendo que essas práticas já estão incorporadas na rotina das bibliotecas universitárias.

Ao acompanhar a rotina da Oficina de Preservação da BC, o trabalho procurou compreender como os manuais e diretrizes existentes são aplicados na prática e identificar as lacunas ainda existentes, sobretudo ao que se refere a escolha e ao uso dos materiais nos pequenos reparos. Com a observação, a identificação dos tipos recorrentes de danos e a experimentação de materiais e procedimentos permitiram testar e a viabilidade de sua adaptação à prática cotidiana das bibliotecas.

Vale ressaltar algumas limitações que o recorte, “o caso da Biblioteca Central”, e o conjunto específico do acervo trouxeram. As considerações apresentadas não se aplicam a diversidade de realidades presentes no SB/UFMG. Estudos futuros poderão aprofundar a avaliação de desempenho dos tratamentos ao longo do tempo, analisar as demandas de outras bibliotecas setoriais, para avançar na elaboração de diretrizes amplas que se adapte à realidade das diversas bibliotecas do SB/UFMG. Apesar dessas limitações, considera-se que o trabalho cumpre seu objetivo de organizar e articular um conjunto de elementos que possam servir de base para o desenvolvimento de protocolos de pequenos reparos para acervo corrente, voltados a bibliotecas universitárias.

Do ponto de vista do comprometimento institucional, o envolvimento da BC e, em especial, a Oficina de Preservação, foi decisivo para que o TCC ultrapassasse o plano acadêmico e se aproximasse de uma pesquisa de interesse compartilhado entre universidade, bibliotecas e campo da conservação e restauração. O trabalho só pôde ser realizado, porque a BU e a Oficina abriram seus espaços, reconheceram a importância de discutir os limites e as aplicações dos pequenos reparos em acervos

correntes, e aceitaram ideias de mudanças e adaptações tanto em suas práticas quanto nos materiais utilizados.

A experiência na BC mostra que não se trata de substituir completamente as práticas existentes, mas de construir, em conjunto, parâmetros que tornem essas práticas fundamentadas nos critérios de preservação.

Nesse sentido, o glossário de termos, a tipologia de danos, o levantamento e a caracterização de materiais e adesivos, e a sistematização de tratamentos aplicáveis ao acervo corrente, configuram-se como elementos para a elaboração de um protocolo de pequenos reparos. Esses elementos não pretendem constituir, por si, um protocolo fechado e definitivo, mas oferecer um repertório de referências técnicas, critérios de decisão e sequências operacionais a partir do qual, em conjunto com a BC e a BU/UFGM, possa ser construído, instrumentos normativos próprios, alinhados às suas políticas de preservação.

REFERÊNCIAS

- ALASKA STATE LIBRARY. **Conservation Book Repair: a training manual**. Juneau, AK: Alaska Department of Education, 1995. Disponível em: <https://library.alaska.gov/hist/conman.html>
- ANTUNES, M. A. **Pequenos reparos em material bibliográfico**. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Unidade de Bibliotecas Públicas e Leitura, 2010. (Série Notas de Biblioteca, n. 2). Disponível em: <https://siseb.sp.gov.br/publicacoes/notas-de-biblioteca>
- ANZOLIN, H. H.; CORRÊA, R. L.T. Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 801–817, set./dez. 2008. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/de/v08n25/v08n25a15.pdf>
- ARAÚJO, I. A.; CARVALHO, W. M.; GONÇALVES, L. Dimensionamento do quadro de pessoal no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais como estratégia de gestão: aspectos metodológicos. **Código 31**, v. 3, n. 1, p. 25-41, jan./jun. 2025. Disponível em: <https://revista.fumec.br/index.php/codigo31/article/view/10629>
- ARQUIVO NACIONAL; FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais (CNJ)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; Fundação Biblioteca Nacional, 2011. 23 p. Disponível em: <https://folivm.com.br/wp-content/uploads/2011/04/manual-an-bn-cnj-2011-c3baltima-versc3a3o-2p-folha.pdf>
- ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO (ARQSP). **Coleção Como Fazer 5: conservação preventiva em bibliotecas e arquivos**. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2005. Disponível em: https://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf
- ASEVEDO, S. S. **Board reattachment**: tipologias de degradação e tratamentos de acervos bibliográficos para o caso de charneiras rompidas. TCCS – Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, p. 110–110, 2017. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/tccs/index.php/conservacao/article/view/833/813>

ASSOCIAÇÃO DE ARQUIVISTAS DE SÃO PAULO (ARQ-SP). CPBA. **São Paulo: ARQ-SP**, [s.d.]. Disponível em: <https://arqsp.org.br/cpba/>
 BAPTISTA, D. M. et al. Universidade, biblioteca universitária e preservação da memória institucional: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 15, n. 2, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1066/1126>

BARBIER, F. **História das bibliotecas: de Alexandria às bibliotecas virtuais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

BELO HORIZONTE (MG). **Fundação Municipal de Cultura**. Política de Desenvolvimento de Acervos da Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/politica_desenvolvimento_2024.pdf

BELO HORIZONTE (MG). **Fundação Municipal de Cultura**. **Política de Compartilhamento de Acervos da Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/politica-de-compartilhamento-de-acervos-malote-fmc_2024.pdf

BELO HORIZONTE (MG). **Fundação Municipal de Cultura**. Política para Tratamento Técnico do Acervo da Rede de Bibliotecas Públicas da Fundação Municipal de Cultura. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/politica_tratamento_acervos_2024.pdf

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS. **Setor de Empréstimo**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/setor-de-emprestimo/>

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS. **Empréstimo**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/emprestimo/>

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DE MINAS GERAIS. **Coleções Especiais**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura e Turismo de Minas Gerais, [s.d.]. Disponível em: <https://www.bibliotecapublica.mg.gov.br/colecoes-especiais/>

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA DA UFMG. **Qual a diferença entre Biblioteca Central e Biblioteca Universitária?** Belo Horizonte: BU/UFMG, 2023. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/sumario/qual-a-diferenca-entre-biblioteca-central-e-biblioteca-universitaria/

BRASIL. Ministério da Cultura. **Lei Aldir Blanc**: um marco para a cultura brasileira. Brasília, DF, 25 out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/lei-aldir-blanc-um-marco-para-a-cultura-brasileira>

BRASIL. Senado Federal. **Senado aprova mudanças em repasses da Lei Aldir Blanc, de fomento à cultura**. Brasília, DF, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2025/04/30/senado-aprova-mudancas-em-repasses-da-lei-aldir-blanc-de-fomento-a-cultura>

BURKE, M. *et al.* Let's Get Technical — Holistic Collection Assessment. **Against the Grain**, v. 31, n. 5, art. 44, 2019. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/atg/vol31/iss5/44/>

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei nº 1.183, de 2019**. Dispõe sobre a regulamentação do exercício das profissões de Conservador-Restaurador de Bens Culturais e de Técnico em Conservação-Restauração de Bens Culturais. Apresentado em 27 fev. 2019, pela deputada Fernanda Melchionna (PSOL-RS). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2193266&fichaAmigavel=nao>

CASA DO RESTAURADOR. Loja online da Casa do Restaurador. Disponível em: <https://loja.casadorestaurador.com.br/>

CUNHA, C. S. *et al.* **O que um laboratório de conservação faz na biblioteca universitária? A experiência do Laboratório de Conservação e Restauração da Biblioteca Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. In: XX Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, Salvador, 2018. Anais. Salvador:

SNBU, abr. 2018. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/196289/0_01090577.pdf?sequence=1

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Crêterios de raridade bibliogrãfica: conhecer para preservar**. Plano Nacional de Recuperaçãõ de Obras Raras – PLANOR, Curso 17, 2014. Disponível em: https://antigo.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/pr_oducao/apresentacao/criterios-raridade-bibliografica-conhecer-preservar/criterios_de_raridade_bibliografica-planor_17_curso_2014.pdf.

CARVALHO, W. M.; PONTELO, A. G. G.; GOMES, G. M. R. O Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais: 90 anos de um organismo em evoluçãõ. **Ciênciã da Informaçãõ**, Brasília, v. 46, n. 2, p. 134-145, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4105/3704>.

CASA PINTO TECIDOS. Tecido Morim. Disponível em: <https://www.casapinto.com.br/tecido-morim>

CASSARES, N.; MOI, C. **Como fazer conservaçãõ preventiva em arquivos e bibliotecas**. Sãõ Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000. Disponível em: http://www.arqsp.org.br/arquivos/oficinas_colecao_como_fazer/cf5.pdf.

CUNHA, M. B.; DIÓGENES, F. C. B. A trajetória da biblioteca universitãria no Brasil no perõdo de 1901 a 2010. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 21, n. 47, p. 100–123, set. 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22045/1/ARTIGO_TrajectoriaBibliotecaUniversitaria.pdf

DARTMOUTH COLLEGE LIBRARY. **A simple book repair manual**. Hanover. NH: Dartmouth College Library – Preservation Services, 1996 (rev. 2019). Disponível em: https://www.dartmouth.edu/library/preservation/repair/dartmouth-book-repair_manual.pdf

DARTMOUTH COLLEGE LIBRARY. **A simple book repair manual**. Natchitoches, LA: National Park Service, National Center for Preservation Technology and Training, 1995. (Publication No. 1995-02). Disponível em: <https://www.nps.gov/subjects/ncptt/upload/1995-02.pdf>

DIPLOMATA. Acetato 20 micras A4, c/ 100 fls. Disponível em: https://diplomata.com.br/produto/acetato-20-micras-a4-c-100-fls/?srsltid=AfmBOoobDzHSP8uIK7UXyVG6UEvWQwuSI_QwQ-cq4IXs90bqS6qbefiY

DIPLOMATA. Papel Polén Bold. Disponível em: https://diplomata.com.br/produto/papel-polen-bold/?srsltid=AfmBOorhToc_CsS2oPrWkl4KaGp_hpVVaym6Fei7xpMEqA5DHhJ7mLqh

DUARTE, Z. **A conservação e a restauração de documentos na era pós-custodial. Salvador:** EDUFBA, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/36369/1/A%20conserva%C3%A7%C3%A3o%20e%20a%20restaura%C3%A7%C3%A3o%20RI.pdf>

FAMP - Faculdade Morgana Potrich. **Manual de conservação de acervo.** FAMP, 2020. Disponível em: <https://fampfaculdade.com.br/wp-content/uploads/2020/02/MANUAL-DE-CONSERVA%C3%87%C3%83O-DE-ACERVO.pdf>

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Programa de conservação e restauração de acervos.** Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, [s.d.]. Disponível em: <https://www.coc.fiocruz.br/images/stories/PDFs/programa-de-conservacao-e-restauracao.pdf>

GOMES, S. de C.; MOTTA, R. T. **Técnicas alternativas de conservação:** recuperação de livros, revistas, folhetos e mapas. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997. 108 p.

GOULART, I. C. V.; DIAS, M. A.; LELIS, D. O. O espaço físico das bibliotecas públicas escolares: entre o legal e o real. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 97–115, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/630/1125/4365>

GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; ROCHA, C. R. A. (Orgs.). **Conservação de acervos. Rio de Janeiro:** Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST, 2007. 205 p. (MAST Colloquia; 9). Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/7390418/mast_colloquia_9-libre.pdf

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Detalhes – Patrimônio Bens Culturais**. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276>

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS – IFLA. **Competency Guidelines for Rare Books and Special Collections Professionals**. Haia: IFLA, 2020. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/rare-books-and-manuscripts/rbms-guidelines/competency-guidelines-for-rbcs-professionals.pdf>.

IOWA STATE UNIVERSITY LIBRARY. **Library and Archives Preservation**. Ames, IA: Iowa State University Library, Preservation Department, 2010–2024. Disponível em: <https://parkslibrarypreservation.wordpress.com/>

JESUS, M. C. d'A. de. **Acervo Corrente, Preservação e Função Social: a biblioteca universitária como mediadora**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia ou curso correspondente) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2019.

JUNIOR, M. V. **O tratamento documental arquivístico na Universidade Federal de Minas Gerais: estudo de caso da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**. 2022. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/670e2b9b-8863-4655-a477-458ef933299b/content>

KALUNGA. Cola branca 1 kg “Extra” - Henkel Cascorez. Disponível em: <https://www.kalunga.com.br/prod/cola-branca-1-kg-cascorez-extra-1406741-henkel-pt-1-un/211778>

KREMER, J. M. *et al.* Avaliação das condições de preservação e do estado de conservação do acervo da Biblioteca “Profª Etelvina Lima”. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/download/37331/29020/114491>

KÜHL, B. M. **Ética na preservação no século XXI**. In: HERNÁNDEZ MARTÍNEZ, A. (Coord.). *Conservando el pasado, proyectando el futuro: tendencias na restauração*

monumental no século XXI. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2016. p. 53–68. Disponível em: <https://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/35/83/04mugayarkulh.pdf>

LADERQUÍMICA. Amido Solúvel PA 500 g. Disponível em: https://www.laderquimica.com.br/amido-soluvel-pa-500-g-dinamica?srsItid=AfmBOoqhObc_h29TG0_fXqzcAlxVywf9eXiHgw8vn_Pn-Gr35ZIRczH6

LARSON, J. **CREW: a weeding manual for modern libraries**. Austin, TX: Texas State Library and Archives Commission, 2012. Disponível em: <https://archive.org/details/crewmetho12/page/3/mode/2up>

LAVENDER, K. **Book Repair: a How-to-Do-It Manual**. New York: Neal-Schuman Publishers, 2011.

LAVENDER, K.; STOCKTON, S. **Book Repair: a How-to-do-it Manual for Librarians**. 2. ed. New York: Neal-Schuman Publishers, 2001.

LOSS, M. M. **Valoração de acervo bibliográfico: estudo de preservação do patrimônio histórico, cultural e científico de uma biblioteca universitária**. 2019. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MILEVSKI, R. J. **Manual de pequenos reparos em livros**. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos (CPBA), Arquivo Nacional, 2001. 49 p. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cpb_a_13_1253283779.pdf

MONTEIRO, L. A. Conservação preventiva em acervos bibliográficos da Biblioteca Mário de Andrade. **Multitemas**, Campo Grande, v. 26, n. 63, p. 25–37, 2021. Disponível em: <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/download/2345/2631/14324>

MORAES, M. H. M. de; SANTIAGO, V. D. Preservação do material bibliográfico da Biblioteca Hugo Dantas da Silveira – Universidade Federal do Rio Grande – FURG. **Biblos**, v.32, n.1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/8286>

NADER, M. R. **O impacto social e estudantil das bibliotecas universitárias.** Conexão UFRJ, abr. 2025. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2025/04/o-impacto-social-e-estudantil-das-bibliotecas-universitarias/>

NÓBREGA, J. Y. F. S. **Contribuições da metodologia de gerenciamento de riscos para a preservação de acervos bibliográficos em bibliotecas universitárias.** 2018. 59 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/42266>

NUNES, M. S. C.; CARVALHO, K. de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, p. 173–193, 2016.

SÁ, I. de; GIBELLI, A.; KETZER, D. A formação de profissionais em conservação no Brasil. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P.; ROCHA, C. R. A. (Orgs.). **Conservação de acervos.** Rio de Janeiro: **Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST**, 2007. p. 181–196. (MAST Colloquia; 9). Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/7390418/mast_colloquia_9-libre.pdf

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Cultura. **Arquivo Histórico Municipal.** Conservação do acervo. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, [s.d.]. Disponível em: https://prefeitura.sp.gov.br/web/cultura/w/arquivo_historico/acervos/6459

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DE SÃO PAULO. **Conservação de documentos:** noções básicas. São Paulo: Unidade de Bibliotecas Públicas, 2012. (Série Notas de Biblioteca, n. 6). Disponível em: https://siseb.sp.gov.br/arqs/Notas6_web.pdf

SIBI/UFRJ — Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Manuais e publicações:** conservação de acervos bibliográficos. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <https://www.sibi.ufrj.br/index.php/produtos-e-servicos/manuais-e-publicacoes>

SILVEIRA, N. F. Evolução das bibliotecas universitárias: *information commons*. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 69–76, jan./jun. 2014. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/923/pdf_88

STATE LIBRARY OF PENNSYLVANIA. **Book repair at the State Library**. Harrisburg, PA: State Library of Pennsylvania, 2025. Disponível em: <https://pa.gov.libguides.com/bookrepair>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Acervo histórico**. Biblioteca Central da UFMG. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/bcentral/acervo-historico/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Biblioteca Central: do projeto à realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/sumario/biblioteca-central-do-projeto-a-realidade/

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Biblioteca Central: sobre a Biblioteca Central**. Sistema de Bibliotecas da UFMG. Belo Horizonte, [2017?]. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/biblioteca/biblioteca-central/

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Sobre a Biblioteca Central**. Belo Horizonte, [2023?]. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/bcentral/sobre-a-bc/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Sistema de Bibliotecas: apresentação do Sistema de Bibliotecas da UFMG**. Belo Horizonte, [2023?]. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/o-sistema-de-bibliotecas/apresentacao

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Biblioteca Universitária. **Relatório anual 2024**. Belo Horizonte: UFMG/Biblioteca Universitária, 2024. 59 p. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/wp-content/uploads/2018/02/Vers%C3%A3o-final-2-RELATÓRIO-ANUAL-2024_formatado.pdf.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Política de Desenvolvimento do Acervo Bibliográfico para o Sistema de Bibliotecas da UFMG**. Belo Horizonte: Sistema de Bibliotecas da UFMG, 2023. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/wp-content/uploads/2018/02/Portaria-50-2023-Pol%C3%ADtica-de-forma%C3%A7%C3%A3o-e-desenvolvimento-de-acervo-16-de-novembro-de-2023-1.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Regulamento sobre Acervos Especiais**. Belo Horizonte: Sistema de Bibliotecas da UFMG, 2010. Disponível em:

https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/wp-content/uploads/2018/02/Regulamento-sobre-Acervos-Especiais.pdf

UTSCH, A. A mecânica dos livros: encadernação, bibliologia e conservação. **Revista PÓS**, Belo Horizonte, v. 28, n. 53, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/25704/27930>

UTSCH, A. História da encadernação e restauração de acervos bibliográficos: estatutos simbólicos e práticas escriturárias. **Escritos: Revista da Casa de Rui Barbosa**, n. 8, 2016. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero08/artigo09.php>

VALLAS, P. **Bookbinding policy at the National Library of France**. Bibliothèque Nationale de France. Disponível em: <https://iada-home.org/events/binding-as-conservation-practices-evolution-and-challenges-for-the-future/>

VIÑAS, S. M. **Contemporary theory of conservation**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2004.

VNUK, R. Library Weeding Without Worry. **American Libraries Magazine**, Maio 2016. Disponível em: <https://americanlibrariesmagazine.org/2016/05/02/library-weeding-without-worry/>

WENDHAUSEN, M. **Planejamento em conservação preventiva de acervos: roteiro básico para arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus brasileiros**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67818/000466971.pdf?isAllowed=y&sequence=1>

ANEXO**DA CONSERVAÇÃO DO ACERVO CORRENTE DO SB/UFMG**

Art. 34º Compete à Biblioteca Universitária:

- I - estabelecer a política educacional junto aos usuários, promovendo campanhas para o uso consciente do acervo;
- II – orientar ações padronizadas para as práticas de conservação a serem adotados nas oficinas de reparos das bibliotecas das unidades.

Art. 35º Compete aos bibliotecários:

- I - divulgar o material das campanhas de preservação encaminhando pela BU;
- II - orientar adequadamente as equipes técnicas que trabalham com o acervo sobre o seu manuseio, armazenamento, segurança, transporte e limpeza;
- III - manter o acervo em boas condições de uso e conscientizar os usuários, através de campanhas, sobre a forma adequada de utilização e transporte das obras;
- IV - zelar pelas boas condições prediais, visando evitar sinistros.

§ 1º Recomenda-se a criação de oficinas de pequenos reparos sob a responsabilidade de um profissional capacitado, para que sejam executadas pequenas intervenções dentro da própria biblioteca.

§ 2º Nenhum reparo deve ser feito em livros datados até 1950.

Art. 36º As reencadernações realizadas por empresas terceirizadas devem obedecer aos seguintes critérios:

- I - é da responsabilidade do encadernador, antes de encadernar o exemplar, efetuar a conferência de todas as páginas dos exemplares enviados para encadernação, para evitar a encadernação de páginas faltantes, rasgadas e ou danificadas;
- II – critérios de capa:

a) deve ser colocada capa dura em todos os livros;

b) usar papelão cinza na espessura 0,3 mm;

c) sempre que possível, a capa brochura original (frente e costas) – se estiver em bom estado – deve ser colada sobre a capa dura (frente e costas) e deverá ser feita a encadernação com plástico vulcabrilho 0,15mm sobre ela;

d) se não for possível utilizar a capa brochura, o revestimento da capa deverá ser feito com sintético de boa qualidade - Kreflex ou similar - nas cores determinadas pela biblioteca;

e) as orelhas que contiverem informação devem ser coladas sobre a folha de guarda na parte de dentro da capa, observando a ordem que estava no livro;

quando o livro vier com informação como tabela, glossário, fórmula e outros na contracapa, e ela não tiver condição de ser preservada, deverá ser tirada cópia legível e incluir na encadernação.

III – as folhas de guarda devem ser duplas em papel apergaminhado - sulfite 150 gramas alcalino.

IV – a gravação deve ser em dourado com o nome do autor e título na lombada, segundo norma da ABNT, conforme definido abaixo:

a) nome completo do autor(res), conforme listagem encaminhada, se for preciso reduzir por falta de espaço, nunca abreviar o primeiro e o último nome;

b) título completo em caixa alta, conforme listagem encaminhada, se não couber deve-se reduzir a fonte da letra para a inclusão do título completo;

c) na borda inferior da lombada do livro, deixar reservado um espaço de 50 mm (5 cm) para inclusão de etiqueta destinada à localização do documento no acervo;

d) as lombadas devem ser gravadas no sentido vertical de cima para baixo;

e) o título deve ser gravado no mesmo sentido usado para a impressão do nome do autor.

V – folhas soltas e/ou faltantes:

- a) no caso de haver folhas soltas no livro, elas devem ser incluídas na encadernação, respeitando a paginação e o layout do livro;
- b) no caso de haver folhas faltantes, as mesmas deverão ser incluídas na encadernação respeitando a paginação e o layout do livro;
- c) é responsabilidade do encadernador tirar cópia legível das folhas faltantes e inclui-la na encadernação, requerendo o exemplar original à biblioteca solicitante.

VI – caso a costura original se apresente fragilizada, deve ser realizado o desmanche total e efetuar nova costura, seguindo o modelo original de forma a garantir a perfeita abertura do livro;

VII - em caso de encadernação de folhas soltas, caso o original não seja costurado em cadernos, realizar costura de “pontinhos” ou “espinha de peixe”;

VIII - não será aceita a costura “amarrada”;

IX - as costuras que podem ser efetuadas são: a costura simples para livros finos e com boa margem, ou margem larga e a costura espinha de peixe para livros grossos e com pouca margem;

X – para o encaixe deixar espaço suficiente que permita abertura completa do livro sem forçar as guardas;

XI – não deve cortar e nem raspar as margens do livro, do contrário, raspar o mínimo possível;

XII – o dorso deve ser reforçado com tecido fino (morim) - em caso de livros muito espessos, usar reforço em papel Kraft no dorso para sustentação na posição vertical sem forçar o corpo do livro para frente na estante;

XIII - em caso de livros com mais de 3 cm de lombada, o tecido a ser colado deve ter o tamanho da lombada, mais 3 cm para a frente e mais 3 para a parte de trás;

XIV - o cabeceado padrão deve ser de algodão e listado nas cores: vermelho e branco, verde e branco, azul marinho e branco, azul claro e branco e preto e branco, de acordo com a cor da capa. Pode, também, ser de tecido de algodão xadrezinho vermelho ou o viés de algodão.

XV - em caso de obra danificada por erro do encadernador, o fornecedor responsável deverá repor outro exemplar com o mesmo título, edição igual ou superior e para os casos de obra esgotada no mercado, deverá repor título indicado pelo bibliotecário;

XVI - os livros encadernados deverão vir carimbados na guarda de trás, parte inferior, com nome da empresa encadernadora mês e ano da encadernação.

Parágrafo único. A empresa encadernadora deve oferecer garantia total dos serviços prestados.